

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

LUIZ HENRIQUE GROLLI IVANOWSKI

**“REMÉDIO CONTRA MALÁRIA PODERIA ATUAR CONTRA A COVID-19?”: A
GAZETA DO POVO EM DEFESA DA (HIDROXI) CLOROQUINA DURANTE A
PANDEMIA (2020)**

**CHAPECÓ
2023**

LUIZ HENRIQUE GROLI IVANOWSKI

**“REMÉDIO CONTRA MALÁRIA PODERIA ATUAR CONTRA A COVID-19?”: A
GAZETA DO POVO EM DEFESA DA (HIDROXI) CLOROQUINA DURANTE A
PANDEMIA (2020)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em História da Universidade
Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito
para obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Vicente Ribeiro das Neves

CHAPECÓ

2023

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Ivanowski, Luiz Henrique Grolli
"Remédio contra malária poderia atuar contra a Covid-19?": A gazeta do povo em defesa da (hidroxi) cloroquina durante a pandemia (2020) / Luiz Henrique Grolli Ivanowski. -- 2023.
65 f.:il.

Orientador: Dr Vicente Ribeiro das Neves

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2023.

1. Cloroquina. 2. Coronavírus. 3. Gazeta do Povo. 4.
Hidroxicloroquina. 5. Tratamento precoce. I. Neves,
Vicente Ribeiro das, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

LUIZ HENRIQUE GROLLI IVANOWSKI

**“REMÉDIO CONTRA MALÁRIA PODERIA ATUAR CONTRA A COVID-19?”: A
GAZETA DO POVO EM DEFESA DA (HIDROXI) CLOROQUINA DURANTE A
PANDEMIA (2020)**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção do título
de Licenciado em História da Universidade Federal
da Fronteira Sul.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 02/03/2023

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Vicente Ribeiro das Neves (UFFS/Chapecó)
Orientador

Prof. Dr. Fábio Francisco Feltrin de Souza (UFFS/Erechim)
Avaliador

Prof. Dr. Leonardo Rafael Santos Leitão (UFFS/Chapecó)
Avaliador

Dedico este trabalho para Daniel Welter e
Gilberto Baiotto.

AGRADECIMENTOS

Passado tanto tempo desde minha entrada no ensino superior, imaginei que escrever tais linhas não seriam mais difíceis do que tantas outras linhas que acabei escrevendo durante essa longa jornada no ensino superior.

Infelizmente, minha temática só se deu por conta da ineficácia do governo de Jair Bolsonaro, então, fica aqui minha homenagem a todos aqueles que vieram a perder sua vida durante a pandemia.

Ter saído da minha zona de conforto, de uma pequena cidade no interior do Rio Grande do Sul só foi possível por todo o investimento de energia e financeiro por parte de minha mãe Alanna Grolli e de meu pai Paulo Henrique Ivanowski. Sou extremamente grato por tudo o que vocês fizeram para que esse momento fosse se tornar possível.

Ter saído com apenas dezoito anos de idade e ir para uma cidade maior, foi um grande desafio, mesmo passado cinco anos, ainda me sinto meio perdido em Chapecó. Entretanto, e felizmente, pude contar com amigos que me auxiliaram nessa travessia, saindo da História e entrando para a vida. Agradeço a Gabrieli Elisa da Costa e Lucas Wazlawick do Carmo por ter aceitado o enorme desafio de ter dividido o apartamento ao longo desses quatro anos. A Renata Lupatini por ter me acolhido em momentos de dificuldade e ter se tornado uma segunda mãe. Agradeço ainda a Tailana e a Samara pelos inúmeros momentos passados juntos. Ao Matheus Marques pelo companheirismo, pelas risadas e cervejas que compartilhamos. Também, devo agradecer novamente a duas pessoas que já não estão entre nós, mas tiveram muitíssima importância para que eu conseguisse chegar até esse momento. Ao Daniel Welter da Silva, por ter me apresentado a UFFS, e a Gilberto Baiotto por todo o investimento de energia e tempo para que eu conseguisse ir e manter em Chapecó.

Anteriormente falei de deixar minha zona de conforto em Três Passos, junto disso, de certa forma, abdiquei também da minha presença frente a vocês, meus amigos. Agradeço a cada um de vocês por me aturarem nos momentos mais difíceis, seja pela vontade de desistir de tudo e voltar para o meu conforto. Agradeço a: Amanda Rafaela, Gabriel Otonelli, Guilherme Penno, Juliana Kern, Jeiel Alencar AngeR, Luis Baron, Mariana Biondo, Renan Campos, Renan Rigon e Yuri Relly. Sem sua presença, mesmo à distância, eu não teria chegado até aqui.

Cada um dos professores que estive, desde o ensino básico até ao ensino superior deixou uma marca de aprendizado em mim, sei que é injusto, mas, infelizmente, não terei espaço para citar todos.

Agradeço ao meu orientador e amigo Prof. Dr. Vicente Ribeiro, por aceitar a árdua tarefa de me orientar, mesmo com inúmeros prazos sendo descumpridos, em nenhum momento desistiu deste trabalho.

Agradeço também a professora Fernanda Furini, pelas caronas e conversas sempre produtivas, que com certeza, me auxiliaram muito. Agradeço também a professora Regina Zamban, por me apresentar a metodologia científica e possibilitar que me apaixonasse pela ciência.

Agradeço a minha companheira Eduarda, tudo ficará bem no final.

Ao meu gato Imposto, motivo da minha saudade diária, eu estar formado, é a possibilidade maior de tu ganhares ração gourmet.

So many lies, they get confused, You start to feel you're being used, If ten percent is all they take, What happens to all the bread you make? Every day it gets a little harder, Just to keep on keeping on, Do we really need all this bullshit, So long now all the thrill has gone, We hate the men, who make the rules. (Motorhead — Fools)

RESUMO

A pandemia do novo coronavírus foi capaz de mobilizar a população mundial em torno do combate do novo vírus. No Brasil, foi a existência de um “tratamento precoce” que acabou por mobilizar o debate público ao longo do primeiro ano pandêmico. Considerando isso, esse trabalho se propõe compreender se o posicionamento frente ao tratamento precoce da Gazeta do Povo, jornal reacionário da cidade de Curitiba confluuiu para a defesa do tratamento precoce com (Hidroxi)cloroquina. Para a compreensão do tema, o trabalho é dividido em três partes: A primeira discute quais são as relações existentes entre a ciência e a política, já no segundo capítulo, se há a retomada histórica da Gazeta do Povo desde sua fundação, até os dias atuais, buscando compreender qual seu posicionamento após sua mudança editorial. Já o terceiro capítulo, é realizada uma análise documental de artigos e notícias vinculadas no jornal, com o auxílio do Atlas.TI.

Palavras-chave: Cloroquina; Coronavírus; Gazeta do Povo; Tratamento precoce.

ABSTRACT

The novel coronavirus pandemic was able to mobilize the world's population in the fight against the new virus. In Brazil, it was the existence of an "early treatment" that ended up mobilizing public debate throughout the first year of the pandemic. Considering this, this work aims to understand whether the position of Gazeta do Povo, a reactionary newspaper from the city of Curitiba, towards early treatment converged towards the defense of early treatment with (Hydroxy)chloroquine. To understand the topic, the work is divided into three parts: The first discusses the existing relationships between science and politics, while in the second chapter, there is a historical review of Gazeta do Povo since its foundation up to the present day, seeking to understand its stance after its editorial change. In the third chapter, a documentary analysis of articles and news linked to the newspaper is conducted, with the assistance of Atlas.TI.

Keywords: Chloroquine; Coronavirus; Gazeta do Povo; Early Treatment.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Nuvem de palavras sem filtragem	34
Figura 2: Nuvem de palavras com adjetivos, substantivos, numerais, nomes próprios e verbos.....	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADPF	Ação de descumprimento de preceito fundamental
IHTP	Instituto de História do Tempo Presente
OMS	Organização Mundial da Saúde
PCdoB	Partido Comunista Do Brasil
PSL	Partido Social Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. CIÊNCIA E POLÍTICA DURANTE A PANDEMIA.	17
1. 2.1 CASO BRASILEIRO: ENTRE A CLOROQUINA E O ISOLAMENTO.....	19
1. 2.2 POLÍTICAS NEGACIONISTAS	21
3. DE CURITIBA AO BRASIL: GAZETA DO POVO.	27
3.1 ORIGENS E GUINADA À EXTREMA DIREITA.	27
1. 3.2 MÍDIA IDEOLÓGICA	30
4. ANÁLISE DOCUMENTAL	33
1. 4.1 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA E ANÁLISE QUALITATIVA	33
4.2 O INÍCIO DA COBERTURA NA GAZETA: SINOFOBIA E ANTICOMUNISMO. .	35
1. 4.2.1 (HIDROXI)CLOROQUINA: A POSSIBILIDADE DE ACABAR COM A PANDEMIA.	40
1. 4.2.2 DEFESA DA CLOROQUINA CONTRA A OPOSIÇÃO POLÍTICA	43
1. 4.3 DEBATE SOBRE A CIÊNCIA.....	45
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52
FONTES PRIMÁRIAS.....	58

1. INTRODUÇÃO

A pandemia do coronavírus (COVID-19) tem sido um desafio sem precedentes para o mundo, afetando de maneira profunda e duradoura não apenas a saúde da população, mas também a economia, o bem-estar e a política de diversos países. A ciência tem desempenhado um papel fundamental na tentativa de compreender o vírus e encontrar formas de minimizar os impactos da pandemia.

Somado a isso, não é possível se debruçar sobre a pandemia sem levar em consideração uma série de elementos que orbitam a ela. A pandemia da COVID-19 tem sido acompanhada por uma onda crescente de desinformação e teorias da conspiração, especialmente na internet, que podem levar as pessoas a desacreditar nas descobertas científicas e a não seguir as orientações de saúde pública. Além disso, a pandemia tem sido usada por algumas pessoas como uma oportunidade para difamar os cientistas e a ciência em geral.

As tecnologias digitais, principalmente a internet, têm se tornado cada vez mais importantes em processos eleitorais em todo o mundo. Eles permitem que os candidatos estabeleçam conexões com seus eleitores e promovam suas mensagens políticas de maneira mais eficiente. No entanto, essas tecnologias também podem ser utilizadas de maneira negativa, como na disseminação de notícias falsas e teorias da conspiração.

Donald Trump e Jair Bolsonaro são exemplos de como a disseminação de notícias falsas pode influenciar o resultado de uma eleição. Na eleição presidencial dos EUA em 2016, as notícias falsas sobre a oponente de Trump, Hillary Clinton, foram um fator importante em sua vitória. Já nas eleições presidenciais do Brasil em 2018, as notícias falsas sobre o partido oponente de Bolsonaro desempenharam um papel importante em sua vitória.

Trump e Bolsonaro também compartilham um posicionamento conservador no espectro político e uma orientação neoliberal em relação à economia, ainda que em alguns momentos se apresentassem contrário ao sistema neoliberal Singer, Araujo e Rugitsky (2022). O neoliberalismo é uma corrente de pensamento que defende a redução do papel do Estado na economia e a ampliação da liberdade de mercado. A teoria do fim da história, proposta por Francis Fukuyama em 1992, sugere que, com a “queda” do bloco socialista na Ásia e Europa, o neoliberalismo teria ganhado a competição ideológica e, portanto, a

história havia chegado ao seu fim. No entanto, essa teoria foi amplamente contestada por outros autores e teóricos políticos.

Uma das atuações do neoliberalismo, segundo Guilbert (2020) é tornar mercadoria aquilo que não tem a capacidade de se tornar, tal qual, a saúde. Para Nunes (2020, p. 2), as políticas neoliberais têm resultado na “desorçamentação e desmantelamento de sistemas públicos de saúde em todo o mundo”. Isso sugere que o enfoque no mercado e na redução do papel do Estado na economia tem levado a cortes nos investimentos em saúde pública e à precarização dos serviços de saúde.

De acordo com Verbicaro (2020), a afirmação de que o vírus da COVID-19 não faz distinção entre classe social, gênero e raça é um mito. A autora argumenta que, na verdade, é o grupo social mais pobre que mais sofre durante as pandemias. Isso pode ser explicado pelo fato de que essas pessoas têm menos acesso a serviços de saúde de qualidade, moram em condições de habitação mais precárias e têm mais dificuldade em se proteger do vírus, seja por falta de recursos ou porque precisam continuar trabalhando mesmo em condições perigosas.

Durante os primeiros meses da pandemia da COVID-19, houve uma discussão sobre como equilibrar a necessidade de proteger a saúde da população com a necessidade de manter a economia funcionando. Alguns argumentavam que a paralisação da economia poderia ter consequências graves, enquanto outros defendiam que a proteção da saúde deveria ser a prioridade. Esse debate revela uma das contradições do neoliberalismo, que valoriza o crescimento econômico acima de tudo, mesmo que isso signifique pôr em risco a saúde da população (VERBICARO, 2020).

Além disso, esse debate também destaca como as desigualdades sociais e econômicas podem influenciar as decisões políticas, pois aqueles que têm mais recursos e poder tendem a beneficiar-se mais de políticas que priorizam a economia, enquanto aqueles que são mais vulneráveis podem ser prejudicados.

O objetivo deste trabalho é abordar eventos e fatos históricos ainda em andamento, como a pandemia de COVID-19. É importante lembrar que o período de recuo temporal tradicionalmente utilizado pelos historiadores para analisar um evento já não é maior do que três anos, e muitas fontes documentais ainda não estão disponíveis para análise. A partir disso, podemos inserir a presente pesquisa no campo da História do Tempo Presente. Tal corrente historiográfica tem sua origem na França, na década de 70 com a criação do Instituto de História do Tempo Presente (IHTP) (DOSSE, 2012).

De acordo com Delgado e Ferreira (2013) encontramos a seguinte definição de História do Tempo Presente: “o tempo presente é o período durante o qual se produzem eventos que pressionam o historiador a revisar a significação que ele dá ao passado” (p. 2). Isso sugere que o presente pode influenciar a maneira como entendemos o passado e que é importante considerar o contexto atual ao estudarmos eventos do passado.

Outra definição de História do Tempo Presente, é a de Lohn (2019, p. 9): “demarca temporalidades em construção, as quais correspondem ao vivido e aos vivos”. Podemos afirmar que há uma conexão entre a História do Tempo Presente e a famosa tese número seis de Walter Benjamin:

Pois o Messias não vem apenas como o redentor, mas como aquele que superará o Anticristo. Só terá o dom de atirar no passado a centelha da esperança aquele historiador que tiver aprendido isto: nem os mortos estarão seguros se o inimigo vencer. E esse inimigo nunca deixou de vencer. (2012, p. 12)

De acordo com os dados do Ministério da Saúde do Brasil, até 25 de dezembro de 2022, havia 36.124.337 casos confirmados de COVID-19 no país (sem contar os casos que não foram notificados). Além disso, infelizmente, houve 692.743 óbitos relacionados ao coronavírus. É difícil comparar diretamente os números de casos e óbitos entre países, pois cada país tem suas próprias circunstâncias culturais, econômicas e sociais.

Apesar de representar um pouco menos da metade da população da América do Sul, o Brasil é o país responsável por mais da metade das mortes causadas pela COVID-19 na região.

Considerando o impacto que a pandemia causou, não apenas no Brasil, mas em âmbito mundial, é importante ressaltar que os estudos da História do Tempo Presente já estão incluindo estudos sobre a pandemia. Uma breve revisão bibliográfica aponta nas pesquisas realizadas por Acevedo Marin (2020); Cardoso (2021); Oliveira (2022); Silva (2021); Silveira, Oliveira e Pinheiro (2021).

A pandemia da COVID-19 também inspirou pesquisadores de outras áreas a estudarem diversos aspectos da doença. Por exemplo, a disseminação de notícias falsas nas redes sociais foi examinada por Júnior et al (2020); Galhardi et al., (2020); Barcelos et al., (2021). Os impactos da pandemia, do distanciamento social e do ensino remoto em crianças e jovens foram investigados por Avelino e Mendes (2021), Pereira, Narduchi e Miranda (2020); Oliveira (2020) e Vieira e Silva (2020).

Os estudos sobre a cloroquina e a hidroxicloroquina no contexto da pandemia têm recebido muita atenção. Vários estudos têm investigado a eficácia desses medicamentos no tratamento da COVID-19 (BORBA et al., 2020; GAUTRET et al., 2020; GELERIS et al., 2020; MELO et al., 2021; ROSENBERG et al., 2020; TANG et al., 2020).

A relação entre a imprensa e o poder político é um tópico que já foi amplamente discutido na literatura. Althusser (1970) argumenta que a imprensa é um meio pelo qual a ideologia dominante é reproduzida. Em Silva (2009), há uma análise detalhada de como a revista *Veja* defendeu os interesses de classe dominante atuando como um partido político.

Este trabalho será estruturado em três capítulos com uma abordagem interdisciplinar. Para Barros (2021), a interdisciplinaridade é a vontade de ultrapassar os limites de um campo de conhecimento e estabelecer uma troca de ideias entre diferentes áreas do conhecimento, visando alcançar um conhecimento mais rico ou alcançar possibilidades que só são possíveis através de um diálogo entre as disciplinas. A metodologia utilizada inclui uma revisão bibliográfica de obras relacionadas aos temas abordados, bem como a utilização de fontes primárias, com notícias do jornal *Gazeta do Povo* de 2020 sobre a cloroquina e a hidroxicloroquina.

O primeiro capítulo deste trabalho aborda a relação entre ciência e política, a partir da análise de obras de autores como Latour (2004) e Bourdieu (2003). Segundo Adorno (1995), a crítica do conhecimento é, ao mesmo tempo, uma crítica da sociedade, e vice-versa. Isso significa que a forma como o conhecimento é produzido influencia a forma como as pessoas pensam. No entanto, este trabalho não defende uma visão romântica ou neopositivista da prática científica, como se ela fosse algo desconectado das pessoas e do seu tempo. Em vez disso, a ciência é vista como uma ferramenta para compreender e melhorar a condição humana.

O segundo capítulo deste trabalho aborda a relação entre a mídia, especialmente os jornais, e o poder político. Neste capítulo, também será analisada a história e também o processo pelo qual a *Gazeta do Povo* passou, se tornando uma mídia conservadora, conforme argumentado por Tavares (2020). De acordo com essa autora, a fragmentação da audiência causada pela internet levou a uma remodelação da ética profissional no jornal, com menos ênfase na divisão teórica e prática entre informação e opinião do jornalista e mais ênfase em uma posição editorial específica.

No terceiro capítulo, abordaremos propriamente as notícias enquanto fontes primárias, realizando de forma simultânea uma análise quantitativa da abrangência total

das notícias, como forma de análise destas fontes será utilizado um software de CAQDAS (Computer-Assisted Qualitative Data Analysis Software).

Para além, uma análise qualitativa também será realizada com o objetivo de entender como as informações sobre tratamentos precoces foram apresentadas ao público pelo jornal Gazeta do Povo durante o ano de 2020. Isso inclui a avaliação da linguagem utilizada nas notícias, a frequência de menção a determinados tratamentos ou medicamentos e a forma como os argumentos a favor ou contra esses tratamentos foram apresentados.

2. CIÊNCIA E POLÍTICA DURANTE A PANDEMIA.

A SARS-COV-2, um vírus da família Coronaviridae, teve seu primeiro caso confirmado na região de Wuhan, na China. Aos poucos, por conta do desconhecimento desse novo vírus, fez com que o mundo virasse sua atenção completamente para o vírus. Ao longo dos primeiros meses da pandemia, cientistas da área da saúde buscavam encontrar medicamentos que possibilitariam um tratamento para a doença, enquanto uma vacina não estava disponível no mercado.

Abordar a Covid-19 também envolve considerar os outros dois coronavírus conhecidos, o SARS-CoV-1 e o MERS-CoV, mesmo que isso vá além do período de inteligibilidade estabelecido anteriormente neste trabalho. Isso é importante porque esses vírus, assim como o vírus da Covid-19, são da família Coronaviridae e têm origem em animais, ou seja, são doenças de transmissão zoonótica (Souza et al., 2020). Ambas as SARS e a MERS receberam atenção da comunidade científica internacional em busca de uma vacina, mas:

Nenhuma vacina foi atualmente licenciada para os diferentes coronavírus já identificados - SARS- CoV-1, MERS-CoV, e vírus da gripe. **As razões econômicas são a maior causa da ausência de vacina**, aliada ao fato que a produção de vacinas para os coronavírus são sempre um desafio, considerando que a resposta imunológica natural à essas infecções podem ter período curto. (ALVES et al., 2020, p. 128, grifo nosso)

Diante dessas pesquisas já realizadas, laboratórios em todo o mundo se voltaram para o desenvolvimento de uma vacina para a SARS-CoV-2. Uma questão interessante a ser considerada nesse contexto é a viabilidade do desenvolvimento de vacinas sob a lógica capitalista. Em outras palavras, será que uma vacina só será desenvolvida se houver retorno financeiro sobre ela?

Sem uma análise mais aprofundada baseada em um número significativo de vacinas, é difícil dar uma resposta definitiva, mas, considerando apenas as vacinas para os coronavírus, tendemos a acreditar que sim.

De acordo com uma notícia publicada no portal da BBC Brasil, cerca de 14 bilhões de dólares foram investidos na pesquisa e desenvolvimento da vacina para o COVID-19, com governos de todo o mundo financiando mais da metade dos fundos investidos. Embora o investimento seja público, o retorno financeiro será privado.

Contrapondo essa lógica capitalista na ciência, podemos observar que, ao contrário da SARS e da MERS, que tinham alta letalidade, logo, não possuíam tanta capacidade de proliferação (SOUZA et al., 2021), a SARS-CoV-2 tem uma grande taxa de proliferação, embora sua mortalidade seja considerada baixa, na faixa de 3%.

Colocando em números, é possível se perguntar por que grandes e bilionárias empresas investiriam em pesquisa e desenvolvimento para vacinas de vírus em países periféricos do mundo? Além disso, voltando à ideia de um investimento público para o lucro privado, podemos destacar a proposta apresentada pela África do Sul e pela Índia na Organização Mundial do Comércio (OMC), que pedia a quebra da patente das vacinas para a COVID-19 para permitir que a indústria local desenvolvesse as vacinas. Este pedido estava fundamentado na impossibilidade dos países do Sul global de adquirir as vacinas, enquanto os países do Norte global, com condições financeiras mais favoráveis, tinham prioridade na compra delas.

Nesse contexto, é pertinente considerar o conceito de necropolítica desenvolvido por Achille Mbembe, que se refere à “instrumentalização generalizada da existência humana e à destruição material de corpos humanos e populações” (2018, p. 10-11). Outra definição mais sucinta é: “a necropolítica é um dispositivo de governo para fazer morrer e não deixar viver” (KOHAN, 2020, p. 3).

Nesse sentido, podemos compreender a necropolítica não enquanto um governo em relação a uma parte de sua população, mas, tendo como resultado da prática de diversas empresas, entidades e governos para com uma população mais ampla e, em sua maioria, pobre. Dentro disso, podemos analisar um pouco mais sobre a situação presente do continente Africano em relação a vacinação de seus habitantes, como forma de acessar tais dados, serão os dados disponibilizados pelo “Our World In Data”.

Segundo os dados disponibilizados, até a data de 25 de dezembro de 2022, dentro do continente, apenas 27,54% da população recebera uma imunização completa. Em comparação, a Europa possui 66,88% de sua população com a imunização completa.

Por mais que, levando em conta o número absoluto de mortes, que coloca a África com o continente com menor número de mortes, a não vacinação em massa, possibilita, infelizmente, com que novas variantes do vírus possam surgir, tendo como exemplo, a variante Omicron, tendo sua origem dentro na África Do Sul.

1.2.1 CASO BRASILEIRO: ENTRE A CLOROQUINA E O ISOLAMENTO

Neste ponto, apresentamos o personagem central deste trabalho: os remédios cloroquina e hidroxicloroquina¹. Originariamente desenvolvidos para o tratamento da malária, durante a pandemia de COVID-19, tornaram-se um dos primeiros medicamentos utilizados no tratamento precoce da doença. O tratamento precoce pode ser definido como o uso de medicamentos para “diminuir a gravidade da doença e a necessidade de leitos de terapia intensiva” (VIEIRA *et al.*, 2020).

Num contexto de uma nova doença que se espalhava rapidamente, levando o caos a diversos países, muitos medicamentos acabam sendo testados diariamente em busca de alguma substância que pudesse mitigar ou eliminar os efeitos colaterais da doença.

A cloroquina e a hidroxicloroquina foram duas das substâncias mais investigadas, tendo sido usadas como “tratamento precoce” em muitos pacientes. Um exemplo disso é o famoso artigo intitulado “Hydroxychloroquine and azithromycin as a treatment of COVID-19: results of an open-label non-randomized clinical trial”, escrito pelo controverso e polêmico médico francês Didier Raoult. Esse artigo, que foi publicado na revista “The International Journal of Antimicrobial Agents” em março de 2020, afirmava que a combinação de hidroxicloroquina e azitromicina era eficaz no tratamento da COVID-19 e que esses medicamentos poderiam ser usados como “tratamento precoce”.

No entanto, o artigo posteriormente foi criticado por outros pesquisadores devido a falhas metodológicas e a falta de evidências científicas sólidas para apoiar as conclusões do estudo, já que: “por vieses: (i) na escolha de seus participantes/pacientes (que são geralmente saudáveis) e (ii) pela ausência de um grupo controle em seus experimentos” (CORRÊA *et al.*, 2020, p. 8)

O “tratamento precoce” da COVID-19 com medicamentos como a cloroquina e a hidroxicloroquina apresenta uma abordagem antagônica ao isolamento social como medida de prevenção da doença. Enquanto o isolamento tem como objetivo principal evitar a contaminação e a proliferação do vírus, buscando preservar a capacidade dos sistemas de saúde de lidar com doentes, o “tratamento precoce” propõe deixar que a contaminação

¹ Como escolha metodológica, optou-se por utilizar apenas o nome de cloroquina ao se referir aos medicamentos cloroquina e hidroxicloroquina. Isso foi feito para simplificar a escrita e a compreensão do trabalho, sem prejudicar a precisão dos dados e informações apresentados.

aconteça de forma natural e contar com medicamentos suficientemente eficazes para não sobrecarregar os hospitais. A ideia é criar uma imunidade de rebanho através da propagação da doença:

A imunidade de rebanho ou também conhecida por imunidade coletiva ou imunidade de grupo, visa chegar a um ponto de contágio e imunidade da população através da produção de anticorpos, capazes de frear a circulação do vírus, fazendo diminuir a contaminação. O percentual de pessoas imunizadas a partir da propagação livre do contágio é de 60% da população [...] (SOUZA JUNIOR e SILVA, 2022, p. 171)

Como mencionado anteriormente, a questão da economia também esteve no centro dessa discussão. Por questões que podem parecer óbvias, mas é importante discuti-las novamente aqui: o isolamento traria maiores prejuízos econômicos para os países do que a utilização de medicamentos já existentes no mercado, especialmente a cloroquina, devido ao seu baixo custo de produção.

Além disso, durante o início da pandemia no Brasil, foi proposto um método que combinaria parte dos dois métodos anteriores: a utilização do “tratamento precoce” junto ao isolamento vertical da sociedade.

O isolamento vertical se daria apenas para a população que estaria em maior risco de sofrer complicações graves da COVID-19. Precisamente, precisamos analisar tais propostas, já que, em suas primeiras recomendações², foi analisado que a COVID-19 teria como grupo de risco pessoas idosas e portadores de doenças cardiovasculares e pulmonares, porém, a realidade não se deu dessa forma, tendo em vista que, à medida que o período pandêmico avançava, muitas pessoas que não estavam no grupo de risco acabavam falecendo.

O isolamento vertical associado ao “tratamento precoce” poderia ser a solução para a pandemia no Brasil. Para aqueles que não poderiam se contaminar, o isolamento vertical os manteria em casa, já para aqueles que acabariam se contaminando, ao utilizar do “tratamento precoce” nenhuma sequela grave se teria, e por fim, talvez o mais importante, seguindo a lógica seguida pelo governo brasileiro, o “Brasil não pararia”.

² Residentes pertencentes ao grupo de risco (maiores de 60 anos, pessoas imunodeficientes e/ou portadoras de doenças crônicas ou graves, gestantes e lactantes) deverão ficar afastados(as) das atividades, enquanto esta for uma recomendação das autoridades sanitárias locais.” (CNS, 2020, sem paginação). Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/recomendacoes-2020/1086-recomendacao-n-018-de-26-de-marco-de-2020>

Entretanto, as pesquisas científicas apontavam o contrário: o “tratamento precoce” não funciona e, de acordo com Duczmal et al. (2020) que o isolamento vertical da sociedade também não daria conta em reduzir o número de internações:

O cenário de isolamento vertical é apenas marginalmente melhor do que o cenário em que não há nenhum isolamento, e muito pior do que o cenário de isolamento horizontal, com nível de redução de contato social equivalente. (p. 9)

Em resumo, a pandemia de COVID-19 gerou uma série de desafios para os governos ao redor do mundo, incluindo a necessidade de tomar medidas para conter a disseminação do vírus. No Brasil, várias propostas foram debatidas, como o uso de “tratamento precoce” e o isolamento vertical da sociedade. No entanto, pesquisas científicas apontam que essas medidas não são eficazes para conter a pandemia. Além disso, o isolamento vertical pode ter impactos econômicos significativos e pode não ser a melhor opção em comparação com outras estratégias de isolamento, como o isolamento horizontal.

1.2.2 POLÍTICAS NEGACIONISTAS

A relação entre a política e a ciência é um debate antigo na ciência. Vários autores estudam como essa relação ocorre. De acordo com Lorenzi e Andrade (2011), os fatos científicos são interpretados como fatos sociais que são negociados dentro de um campo de lutas, conhecido como campo científico. Nesse campo, os indivíduos e instituições lutam pelo poder e prestígio através do uso de seu capital específico, que inclui recursos como conhecimento, educação, experiência e habilidades. Esse capital específico permite aos indivíduos e instituições participarem ativamente do processo de produção e disseminação do conhecimento científico, moldando assim o que é considerado verdadeiro ou legítimo dentro da comunidade científica.

Chalmers (1994) argumenta que a ciência é uma fabricação humana que é constantemente influenciada pelo modelo de sociedade em que é produzida. Ele usa o exemplo de Francis Galton, que tentou provar a eugenia e teve que desenvolver a estatística para fazê-lo.³

³ “Galton pôde extrair do erro existente a teoria para as técnicas estatísticas necessárias para suas preocupações eugênicas. Compreendia-se que os erros numa medição flutuassem estatisticamente em torno de um valor mediano, de acordo com o que hoje chamaríamos de distribuição normal. Galton adaptou essas técnicas para tratar da variabilidade de características dos seres humanos, como a altura,

Latour (2004; 2009; 2011) também tenta esclarecer a relação, afirmando que “sem os instrumentos da ciência, o corpo político nunca saberá quantas entidades desconhecidas precisam ser consideradas.” (2004, p. 65).

Santos (2018) vê a ciência como uma interpretação da realidade, não mais ou menos importante do que outras formas de conhecimento, e busca aproximar a ciência do senso comum:

Para que esta configuração do conhecimento ocorra é necessário inverter a ruptura epistemológica. Na ciência moderna a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico; na ciência pós-moderna o salto mais importante é o que é dado do conhecimento científico para o conhecimento do senso comum. (SANTOS, 2018, p. 98)

Nesse sentido, o senso comum é um aspecto crucial para entender o “tratamento precoce” da COVID-19 no Brasil. Como mencionado anteriormente, as primeiras pesquisas científicas sugeriram a possibilidade de uso da cloroquina e da hidroxicloroquina contra a COVID-19. No entanto, logo após, novas pesquisas foram realizadas e divulgadas para a comunidade científica com novos resultados, demonstrando a ausência de eficácia comprovada.

É importante notar que essas novas pesquisas não foram amplamente divulgadas para o público em geral. Além disso, uma das principais diferenças entre a ciência e a religião é que, de acordo com Popper (1993), a ciência não possui dogmas, ou seja, o conhecimento científico é sempre mutável. Portanto, devemos perguntar se os “policy-makers” (responsáveis pela formulação de políticas públicas) desconheciam o fato de que a ciência é uma área em constante desenvolvimento, ou se eles deliberadamente ignoraram as novas pesquisas científicas.

Para realizarmos essa análise, vamos utilizar de dois discursos da Deputada Federal Soraya Manato durante duas sessões especiais da Câmara dos Deputados sobre o combate e prevenção da pandemia no Brasil:

Então, que nessa segunda audiência pública sobre as opções terapêuticas talvez pudéssemos ouvir dois infectologistas: um a favor e um contra drogas como

entre os membros de uma população. No entanto, mais do que simplesmente ajustar a teoria do erro, Galton teve de ampliá-la; nisso ele deu contribuições fundamentais para a estatística quantitativa. Para a explicação quantitativa da descendência que buscava, Galton teve de aprender a tratar das variáveis dependentes da estatística. Ele precisava especialmente tratar do relacionamento que havia entre a distribuição de uma variável (como a altura) em gerações sucessivas. Foi nesse contexto que Galton desenvolveu os conceitos que hoje chamamos de regressão e correlação em distribuições normais de duas variáveis.” (CHALMERS, 1994, p. 132)

cloroquina, hidroxicloroquina e outras (Deputada Dra. Soraya Manato, PSL-ES, 15/Abr/2020). (PENAFORTE, 2021, p. 5).

Dr. Luiz, eu ouvi atentamente toda essa discussão. Sou a favor do Presidente Jair Messias Bolsonaro, sou do PSL e sou uma defensora da cloroquina e da hidroxicloroquina (Deputada Soraya Manato, PSLES, 14/ Jul/2020). (PENAFORTE, 2021, p. 6)

Na primeira fala, a deputada sugere que gostaria de ouvir a opinião de infectologistas tanto a favor quanto contra o uso dessas drogas, o que indica que ela está disposta a considerar diferentes pontos de vista. No entanto, ao longo de sua segunda fala, ela demonstra uma clara inclinação em favor da cloroquina e da hidroxicloroquina, o que sugere que ela pode estar tentando persuadir os ouvintes a adotar sua perspectiva. Para além, se apresenta como uma defensora dessas drogas e se posiciona como uma aliada do Presidente Jair Messias Bolsonaro, que também tem defendido o uso dessas substâncias. É importante notar também que a deputada faz referência ao fato de ser membro do Partido Social Liberal (PSL).

Também é necessário mencionar o comportamento de aliados políticos e ideológicos do então presidente Bolsonaro, como a Deputada Carla Zambelli, os filhos do presidente e o jornalista Rodrigo Constantino, que foram os principais responsáveis pela disseminação de desinformação sobre o coronavírus (BARBOSA et al., 2020). Além disso, é importante observar que:

Em metodologia que combinou Análise de Redes Sociais e Análise de Conteúdo, concluíram que existe um alinhamento entre o discurso de Bolsonaro e o espalhamento de desinformação por influenciadores próximos à sua base de apoio. Também observaram que a circulação de desinformação cresceu a partir dos pronunciamentos do presidente. (GEHRKE e BENETTI, 2021, p. 23)

Sendo assim, podemos concluir que aqueles que estavam alinhados ao governo Bolsonaro foram os principais responsáveis por promover a disseminação de desinformação e minimizar a importância do coronavírus. Em 20 de março de 2020, durante uma transmissão ao vivo, Bolsonaro chamou a doença causada pelo vírus de "gripezinha", apenas dois dias após o primeiro óbito pelo vírus no Brasil.⁴

O Deputado Osmar Terra, como médico e ex-secretário de saúde do estado do Rio Grande do Sul, teve a oportunidade de usar sua experiência epidemiológica no campo político e público durante a pandemia de COVID-19. No entanto, as afirmações que ele fez

⁴ Bolsonaro volta a minimizar pandemia e chama Covid-19 de 'gripezinha'. O Globo, Rio de Janeiro, 20, março, 2020. Política. Disponível em <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-volta-minimizar-pandemia-chama-covid-19-de-gripezinha-1-24319177>. Acesso em 09, fev. 2023

em 18 de março de 2020 de que a COVID-19 causaria menos óbitos do que a H1N1⁵ e que as medidas de isolamento eram desnecessárias se mostraram incorretas. Além disso, sua previsão de que o “pico da epidemia” ocorreria em abril também se mostrou incorreta.⁶

Durante o início da pandemia, jornalistas e políticos próximos ao bolsonarismo procuraram mobilizar a base eleitoral do presidente Bolsonaro em posições que contrariavam as recomendações científicas. Inicialmente, negaram a COVID-19 como problema de saúde pública, mas quando isso se tornou impossível, passaram a promover medicamentos de “tratamento precoce” como a única opção, desconsiderando as medidas de isolamento. Além disso, admitiram que a COVID-19 poderia causar mortes, mas tentaram minimizar sua gravidade. Um exemplo disso foi o famoso tweet que viralizou na internet, no qual um primo de um porteiro teria morrido devido a um pneu estourado, mas o atestado de óbito teria listado a COVID-19 como causa da morte.⁷

É importante avaliar as ações concretas da oposição em relação à pandemia, especialmente porque temos a hipótese de que a defesa do “tratamento precoce” e a negação da gravidade da pandemia estão ligadas a um posicionamento pró-governo. Em oposição a esse comportamento da base “bolsonarista”, é importante analisar como a oposição reagiu às medidas do governo relacionadas à pandemia.

Para verificar se essa hipótese de que a defesa do “tratamento precoce” e a negação da gravidade da pandemia estão ligadas a um posicionamento pró-governo é verdadeira, podemos examinar as ações de políticos da oposição em relação ao “tratamento precoce”. Para isso, buscamos notícias que apresentem posições de partidos ou políticos que são contrários ao uso de cloroquina e hidroxicloroquina como “tratamento precoce” para COVID-19.

⁵ TERRA, Osmar. A Gripe suína, H1N1, matou 2 pessoas a cada dia no Brasil em 2019. Este número, deve ser maior que as mortes que acontecerão pelo coronavírus aqui. E não se parou o país nem se destruiu a economia, como está acontecendo agora. É o fato e a versão do fato!. 18 mar, 2020. Twitter: OsmarTerra. Disponível em: <https://twitter.com/OsmarTerra/status/1242031037707948032>. Acesso em: 07 fev, 2023.

⁶ TERRA, Osmar. No Brasil, onde estamos sendo submetidos a uma quarentena radical que destrói nossa economia e empregos, eu pergunto: onde está o achatamento da curva??!! NAO EXISTE. Com a quarentena ou não, chegaremos ao pico da epidemia antes do final de abril!. 04 abr, 2020. Twitter: OsmarTerra. Disponível em: <https://twitter.com/OsmarTerra/status/1246404884586549248>. Acesso em: 07 fev, 2023.

⁷ O tweet que se tornou viral continha a seguinte mensagem: “Gente! O primo do porteiro aqui do prédio morreu porque foi trocar o pneu do caminhão e o pneu estourou no rosto dele. Receberam o atestado de óbito como se fosse a covid-19. Eles estão indignados”

Por exemplo, o PT entrou com uma ação de descumprimento de preceito fundamental (ADPF) contra o governo em 18 de abril de 2020 devido à sua atuação na pandemia.⁸ Na ação, o PT argumentou que o governo estava incentivando o uso de medicamentos cuja eficácia para o tratamento da COVID-19 não havia sido comprovada cientificamente e que poderiam causar efeitos colaterais graves à saúde devido à sua utilização indevida.

A ação proposta pelo PT estava baseada em uma nota técnica que apresentava os resultados in vitro da cloroquina no combate à COVID-19, mas também destacava a falta de comprovação científica de sua eficácia no tratamento da doença. Isso indica que o PT estava se posicionando contra o uso de cloroquina e hidroxicloroquina como “tratamento precoce” para COVID-19, baseando-se em evidências científicas. Essa posição opõe-se à defesa do tratamento precoce e à negação da gravidade da pandemia que foi promovida por jornalistas e políticos próximos ao bolsonarismo.

É possível encontrar outras formas de atuação de partidos de oposição em resposta à propaganda promovida pelo presidente Bolsonaro sobre o tratamento precoce para COVID-19. A matéria do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) de 10 de abril de 2020 apresenta algumas das ações de seus deputados federais nesse sentido. A deputada Jandira Feghali, médica, afirmou que:

a comprovação científica da cloroquina não existe e seu uso indiscriminado pode causar arritmia e outros efeitos colaterais. Bolsonaro fez uma fala criminosa, incitando a população a usar medicamentos para tratar uma doença sem comprovação científica (PCDOB, sem paginação, 2020)

Essa declaração demonstra que o PCdoB estava se posicionando contra o uso de cloroquina e hidroxicloroquina como tratamento precoce para COVID-19, baseando-se em evidências científicas e criticando a propaganda promovida pelo presidente Bolsonaro

Apesar de ter tido uma abrangência restrita, a cloroquina tornou-se central na argumentação política, já que um posicionamento favorável ao presidente estaria ligado à defesa do “tratamento precoce”, enquanto um posicionamento favorável ao isolamento social, à ciência e às suas produções seria um posicionamento da oposição ao governo.

⁸ STF: Entidades endossam denúncia de omissão do governo no combate . Congresso em foco, Brasília, 11, maio 2020.. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/stf-entidades-endossam-denuncia-de-omissao-do-governo-no-combate-a-pandemia/>. Acesso em: 09 fev, 2023.

Essas posições opostas ao “tratamento precoce” com cloroquina e hidroxicloroquina refletem a polarização política presente no contexto da pandemia no Brasil, em que o uso destes medicamentos se tornou um símbolo de lealdade ao governo ou à oposição. Enquanto alguns defendiam o uso da cloroquina como única solução para o combate à COVID-19, outros apontavam para a falta de comprovação científica de sua eficácia e alertavam para os possíveis riscos de efeitos colaterais graves para a saúde.

3. DE CURITIBA AO BRASIL: GAZETA DO POVO.

3.1 ORIGENS E GUINADA À EXTREMA DIREITA.

A Gazeta do Povo foi fundada em 3 de fevereiro de 1919, na cidade de Curitiba, capital do estado do Paraná, pelo advogado Benjamin Lins. De acordo com Tavares (2020) e Oliveira Filha (2006), a publicação foi criada com o objetivo de ser uma mídia independente, em oposição aos jornais existentes no estado que estavam ligados a políticos locais, como “O Estado do Paraná” e “Folha de Londrina”. A ideia que inspirou a Gazeta do Povo era a de que a realidade seria ignorada se não fosse de interesse local. No entanto, em seu primeiro editorial, a Gazeta do Povo declarou apoio a um candidato político:

Apesar de o editorial de lançamento da publicação dizer que o jornal não iria apoiar nenhum candidato ao governo do estado, o texto da primeira página defendia a candidatura de Ruy Barbosa à Presidência da República: “(...) ninguém o iguala em merecimentos; ninguém é tão querido pelo povo, ninguém é tão venerado pelas multidões; ninguém tem prestado a este país tão elevados serviços, ninguém quer o Brasil com tanta intensidade e tanto carinho...” (OLIVEIRA FILHA, 2006, p. 35). A epígrafe “Diário Independente”, que vinha logo abaixo do título do jornal [...] (TAVARES 2020, p. 4)

O título “Diário Independente” da Gazeta do Povo buscava destacar a diferenciação da publicação em relação a seus concorrentes. Isso nos leva a concluir que a diferenciação do jornal em relação aos outros não estava na ausência de posicionamento político, como demonstrado pelo apoio a Ruy Barbosa. Pelo contrário, o posicionamento político da Gazeta do Povo estava ligado exclusivamente aos seus próprios interesses, e não a um político específico.

De acordo com Oliveira Filha (2006), em uma edição comemorativa de 73 anos, a Gazeta do Povo mencionou que sua fundação só foi possível graças ao apoio financeiro da classe burguesa. Isso nos leva a concluir que os interesses apresentados pelo jornal eram, de fato, os interesses da classe burguesa.

A representação de interesses econômicos, políticos e sociais através da imprensa não é algo inédito, pois outros grandes jornais do estado do Paraná também o faziam. Nelson Wandreck Sodré, em seu clássico livro “A História da Imprensa no Brasil”, aborda essa questão de maneira mais aprofundada:

Por muitas razões, fáceis de referir e de demonstrar, a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista. O controle dos meios de difusão de idéias e de informações que se verifica ao—longo do desenvolvimento da imprensa, como reflexo do desenvolvimento capitalista em que aquele está inserido é uma luta em que aparecem organizações e pessoas da mais diversa situação social, cultural e política, correspondendo a diferenças de interesses e aspirações. (1999, p. 1)

A Gazeta do Povo enfrentou crises internas e questões econômicas e foi vendida em 1962 para Francisco Cunha Pereira Filho e Edmundo Lemanski, fundadores do atual Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCOM), o maior conglomerado de mídia do Paraná. Levaram mais de dez anos para estabilizar a situação financeira da publicação e realizaram investimentos que levaram a Gazeta a ser pioneira em diversas áreas. De acordo com Tavares (2020, p. 124):

Em 1969, a editora começou a operar numa nova rotativa, a primeira offset de grande porte instalada na região Sul do país. Em 1973 os primeiros computadores chegaram à redação para fotocomposição e, em agosto daquele ano, o jornal publicou a primeira foto colorida do periódico, uma novidade na imprensa paranaense da época (OLIVEIRA FILHA, 2006). Ainda em 1973, a Gazeta lança dois suplementos importantes: a Gazetinha, dedicado ao público infantil; e o Viver Bem, voltado ao público feminino (SANTOS, 2011). É também neste ano que o grupo adquire a TV Paranaense e o Canal 12, de Curitiba; e nos anos de 1980, o grupo já tinha mais sete emissoras de televisão, cobrindo todas as regiões do estado (OLIVEIRA FILHA, 2006), o que acabou fortalecendo ainda mais a principal publicação impressa.

Até agora, foi discutido que a Gazeta do Povo buscava se destacar em relação aos seus concorrentes. Na década de 50, a partir do jornal carioca Diário Carioca, ocorreu uma modernização do jornalismo, que se dividiu em três etapas:

1. a criação de um manual de redação moderno, pelo diretor de redação do jornal, Pompeu de Sousa, que introduziu um novo estilo textual no jornalismo brasileiro, tendo a objetividade como valor fundamental e o lead como de abertura das notícias;
2. a seleção e treinamento de um grupo de jovens inexperientes – e portanto livres do “pecado original” do jornalismo brasileiro – para trabalhar no jornal;
3. a transformação do papel do copy desk no jornal, de mero instrumento de revisão textual para uma instituição disciplinar com amplos poderes e, deste modo, **desempenhando um papel central no processo de reprodução ideológica da reforma** (ALBUQUERQUE, 2010, p. 101-102, grifo nosso)

No período da década de 90, com as inovações tecnológicas da era digital, ela se tornou o mais moderno parque redacional e gráfico da região sul do país e o segundo jornal brasileiro a disponibilizar suas matérias na internet (Santos, 2011). Já nos últimos dez anos, a Gazeta do Povo sofreu uma série de transformações que mudaram radicalmente a publicação. De acordo com Tavares (2020), a ascensão da Gazeta do Povo ao público nacional pode ser atribuída ao movimento institucional da Lava-Jato, que contribuiu para consolidar o antipetismo no Brasil. Para além, a Gazeta acabou por abandonar seu modelo

de jornalismo de "catch-all", que tinha como objetivo atingir um público amplo, e adotou uma linha editorial conservadora, obtendo assim, um público conservador.

Em 2015, houve uma mudança significativa na publicação: ela deixou de circular na versão impressa em papel-jornal e passou por uma reformulação completa de sua identidade, concentrando-se na internet e no mobile first (TAVARES, 2018). Isso mostra a adaptação da Gazeta do Povo às mudanças do mercado e às novas formas de consumo de mídia.

A Gazeta do Povo consolidou sua posição como uma mídia ideológica em 2017, com uma mudança na linha editorial que a levou a adotar uma posição conservadora. Isso pode ser observado pelos colunistas que foram contratados pela publicação:

Isso pode ser verificado não só a partir das notícias, mas também nos novos colunistas anunciados nesta nova fase da Gazeta: o economista Ricardo Amorin; Rodrigo Constantino, colunista político; Teco Medina, que fala sobre investimentos; Leandro Narloch, do Blog Politicamente Incorreto; e Lúcio Vaz, correspondente em Brasília. O perfil do público somado ao dos colunistas já dá um indicativo da linha editorial que a Gazeta assumiu após a reestruturação. (TAVARES, 2018, p. 70-71)

A contratação de colunistas que refletem uma perspectiva conservadora pode ser vista como um indicativo de que a Gazeta do Povo efetivamente mudou seu posicionamento político para a extrema direita. Além disso, como discutido anteriormente, o posicionamento da Gazeta do Povo durante a pandemia de COVID-19 convergiu com sua postura em relação ao tratamento precoce da doença.

É importante considerar o papel da mídia na formação do pensamento público, especialmente considerando os potenciais influências do conteúdo consumido pelas pessoas. No mundo digital, é comum criarmos “bolhas” de conteúdo (PARISER, 2011), ou seja, a tendência de consumirmos apenas conteúdo que reflita nossas próprias crenças e perspectivas.

Isso pode ser especialmente relevante em momentos de pandemia, pois uma “bolha” conservadora, pró-tratamento precoce, por exemplo, poderia levar as pessoas a desobedecer às medidas de isolamento social. Portanto, é fundamental que a mídia tenha responsabilidade e ética na abordagem de temas tão importantes para a saúde pública.

Guilbert (2020) argumenta que as democracias modernas se baseiam em três polos antagonistas: o poder político, que deveria representar os cidadãos; os meios de comunicação; e a opinião pública. Guilbert (idem) questiona a capacidade dos meios de comunicação de cumprir sua função crítica, devido à crescente concentração em grupos monopolistas, levando-se à seguinte conclusão:

Assim, a informação parece girar num circuito fechado: produzida para e por aqueles que dela tira um benefício direto. Como toda mercadoria. A interação político-midiática é tão forte que muitas vezes é difícil saber se a informação é criada pelo político ou pelo jornalista. (GUILBERT, 2020, p. 18)

Além disso, a imprensa é conhecida como o “quarto poder” em alguns países, atuando como um moderador dos outros três poderes (Executivo, Judiciário e Legislativo). No Brasil, por exemplo, a imprensa tem a função de monitorar e fiscalizar o exercício do poder político:

[...] no Brasil, ela apela de alguma maneira para uma tradição brasileira, e totalmente distinta de Quarto Poder: o Poder Moderador. Tal como o fizeram em tempos passados o Imperador e os militares, a imprensa reivindica hoje exercer o papel de árbitro das disputas entre os poderes constituídos, decidindo sempre em favor do “Bem Comum” (ALBUQUERQUE, 2000, p. 49)

É importante levar em consideração a confluência entre o “bem comum” e o “bem” do jornal, ou seja, os interesses do jornal como uma empresa capitalista, que podem estar presentes no conteúdo produzido. A proposta do jornalismo como mediador, conforme a ideia do “quarto poder”, nunca foi completamente alcançada e pode ser considerada impossível, pois disfarça o caráter ideológico inerente a qualquer discurso e ignora as condições em que o jornalismo é praticado.

1.3.2 Mídia ideológica

Para Engels e Marx (2007), a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante, sendo essa a detentora dos meios de produção, é a única que pode se dedicar exclusivamente para a produção de ideias. Já Soares (2009) compreende a ideologia como um sistema que se retroalimenta, sendo um consenso limitado produzido a partir da classe dominante, não possibilitando que questões de outras classes sociais sejam colocadas em debate.

Soares (2009, p. 18) afirma que: “Na comunicação mediática praticada hoje, é raríssimo encontrar expressões das próprias ideologias”, já que essas aparecem apenas em livros ou em jornais partidários, já no jornalismo, especialmente aquele profissionalizado, é apenas em traços implícitos que a expressão ideológica aparecia.

A Gazeta do Povo, indo ao encontro da tese apresentada anteriormente, ela fugiu da expressão raríssima de ideologia, quebrando com esse protocolo jornalístico, possibilitou a

expansão do jornal. Em 2017, a Gazeta adotou uma nova linha editorial, composta por 28 pontos, que incluem "O poder da razão e do diálogo", "A dignidade da pessoa humana", "Defesa da vida desde a concepção", "Ética e excelência", entre outros. (GAZETA DO POVO, 2018, sem paginação)

Dentre esses vinte e oito pontos, alguns chamam mais a atenção, sobretudo ao conjecturar para com a pandemia. Em "O que é o princípio da proporcionalidade" (GAZETA DO POVO, 2018a, sem paginação), se há a defesa de que o povo brasileiro estaria acostumado a esperar respostas do Estado para seus problemas, como tentativa de provar esse ponto, se há uma metáfora de um chefe que faria todo o trabalho de seus funcionários, com isso, a iniciativa dos funcionários diminuiria. Guilbert (2020) afirma que uma das características do discurso neoliberal está diretamente relacionada com a indução de um sentido através do enunciado.

Em "O valor da comunicação", a Gazeta reivindica para a comunicação o papel de unir as pessoas, já que quando se comunica, sendo a página, se fortalece os laços. Para além, a Gazeta afirma que o papel dos meios de comunicação é a construção de uma: "[...] sociedade livre, democrática e saudável [...]". Um dos aspectos centrais no discurso neoliberal é a utilização de palavras do senso comum enquanto conceitos, sendo assim, cabe exclusivamente ao receptor interpretar o que é uma sociedade "livre" ou então saudável. Para além, Nunes afirma que pessoas que compartilham de uma mesma visão retórica, acabam participando de um sistema simbólico, onde as pessoas participam de um mesmo "drama partilhado" (2020, p. 40)

Já no Ponto "O valor da democracia", em consonância com o ponto anterior, especialmente no que se refere a democracia, que para a Gazeta não se restringiria apenas ao voto em período determinado e sim abrangeria outras características, todas apontadas para a liberdade individual, nesse sentido, é talvez nesse ponto que a Gazeta explane mais claramente qual é seu alinhamento ideológico principal, para com o neoliberalismo:

Ainda assim, o fato de as eleições ocorrerem de forma livre e sem coação não basta para uma democracia. Ela ainda pressupõe um sem-número de outros "traços": a não perpetuação dos governantes; uma efetiva separação de poderes; a **admissão da propriedade privada e da livre iniciativa empresarial; a liberdade de constituição de empresas informativas, sem necessidade de prévia licença, autorização ou concessão governamental**; o respeito pelas instituições em geral e, em especial, pelas decisões do Poder Judiciário... (POVO, 2018b, sem paginação, grifo nosso)

Rodrigo Constantino em texto publicado no dia 01 de fevereiro de 2019, com o título de "A importância da Gazeta para o jornalismo brasileiro", busca demonstrar a relevância da

Gazeta, seja num tempo passado, quanto no tempo presente. Para Constantino, a Gazeta tomou uma decisão corajosa ao: “dar mais espaço para vozes da direita” (2019, sem paginação).

Em momento adiante, o autor constata que os leitores estavam deixando os grandes jornais, pois: “[...] se deram conta de que boa parte dos jornalistas tem um viés ideológico “progressista”, **e que aquilo que deveria ser mais imparcial acaba parecendo propaganda partidária muitas vezes.**” (CONSTANTINO, 2019, sem paginação, grifo nosso).

Constantino também se refere aos outros jornalistas como socialistas, atuando a partir da “tomada de poder articulada por Gramsci”:

[...] socialistas dentro da estratégia de tomada de poder articulada por Gramsci. Mas não é preciso acreditar que essa seja a principal razão por trás do fenômeno para percebê-lo. Os jornalistas, na maioria dos casos, são mesmo alinhados ao pensamento de esquerda, e isso influencia seus escritos, as chamadas, a escolha das pautas.(CONSTANTINO, 2019, sem paginação)

Em Puglia (2018), vemos que Rodrigo Constantino e outros, interpretam a realidade em que o establishment intelectual brasileiro é dominado pela esquerda. Para além, esse domínio se dá nos mais diversos aparelhos, segundo o vocabulário próprio, a esquerda “aparelhou”: “universidades, escolas, jornais, igrejas, associações de classe, e outras trincheiras da sociedade civil tomada em sentido amplo.” (PUGLIA, 2018, p. 48).

Entretanto, essa análise de realidade não está pautada pela realidade em si. Silva (2009) apresenta um estudo detalhado entre o período de 1989 e 2002 da atuação da Revista Veja como representante de interesse de classe, atuando como um partido neoliberal, com isso:

Ha uma coerência de raciocínio no que fundamenta a posição da revista, que é dada sempre pelos interesses de abertura de capital, privatizações, oligopolização, enfim, os interesses do capital financeirizado que constituiu o cerne do neoliberalismo e que, muitas vezes, são os próprios anunciantes da revista. (SILVA, 2009, p. 635)

Por fim, podemos concluir, que a atuação da mídia sempre será de forma parcial. A utilização da imparcialidade, por si só, já carregada uma parcialidade. A escolha do que noticiar, como noticiar, por que noticiar por si só carrega uma carga ideológica profunda, pois conforme Manual Chaparro afirma: “Noticiar, é hoje, a forma mais eficaz de interferir no mundo” (CHAPARRO, 1996, p. 154).

4. ANÁLISE DOCUMENTAL

1.4.1 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA E ANÁLISE QUALITATIVA

Neste capítulo, vamos analisar as notícias relacionadas à cloroquina e hidroxicloroquina publicadas na Gazeta do Povo. Primeiramente, precisamos explicar de forma metodológica como foram coletadas as notícias. Inicialmente, elas foram retiradas da guia “Tudo sobre cloroquina e hidroxicloroquina”, presente na guia “Tudo sobre”, que funciona como um compilado de notícias relacionadas ao tema. No entanto, não podemos garantir se isso foi feito de forma intencional ou não, e muitas vezes notícias acabam ficando de fora dessa seleção. Para superar essa dificuldade, realizamos uma busca manual pelas palavras cloroquina e hidroxicloroquina, o que revelou diversas notícias que não estavam incluídas na seleção do “tudo sobre”.

Após a anexação e catalogação das fontes, obtivemos um total de 583 notícias relacionadas. Desse total, 114 notícias estavam incluídas no “tudo sobre”, enquanto as outras 334 foram obtidas através da busca manual por “cloroquina” e 135 foram obtidas apenas através da busca manual por “hidroxicloroquina”. Além disso, algumas notícias foram duplicadas e, portanto, descartadas ao longo da busca manual, o que resultou em um número final de fontes de 575.

Dessa forma, com a coleta de fontes já realizada e com o auxílio do Atlas Ti, conseguimos classificar os autores e as datas em que as notícias foram publicadas. Em relação à autoria, tivemos 92 autores escrevendo sobre o “tratamento precoce” com cloroquina e hidroxicloroquina. Fazendo uma conta simples, chegamos a uma média de 6,25 publicações por autor. No entanto, é importante ressaltar que apenas 17 dos autores ficaram acima dessa média, enquanto os demais ficaram abaixo.

Quanto à distribuição das publicações das matérias, ao longo dos dez meses desde a primeira publicação sobre a cloroquina em 19 de março de 2020 até a última notícia, em 30 de dezembro do mesmo ano, tivemos 197 dias com notícias, o que equivale a uma média de cerca de três notícias por dia. Em relação aos meses, podemos observar que a maior distribuição de notícias ocorreu entre abril e julho.

Fora utilizado também, a ferramenta de “nuvem de palavras” presente no software Atlas.TI. As “nuvens de palavras” são imagens geradas através de algoritmos, buscando

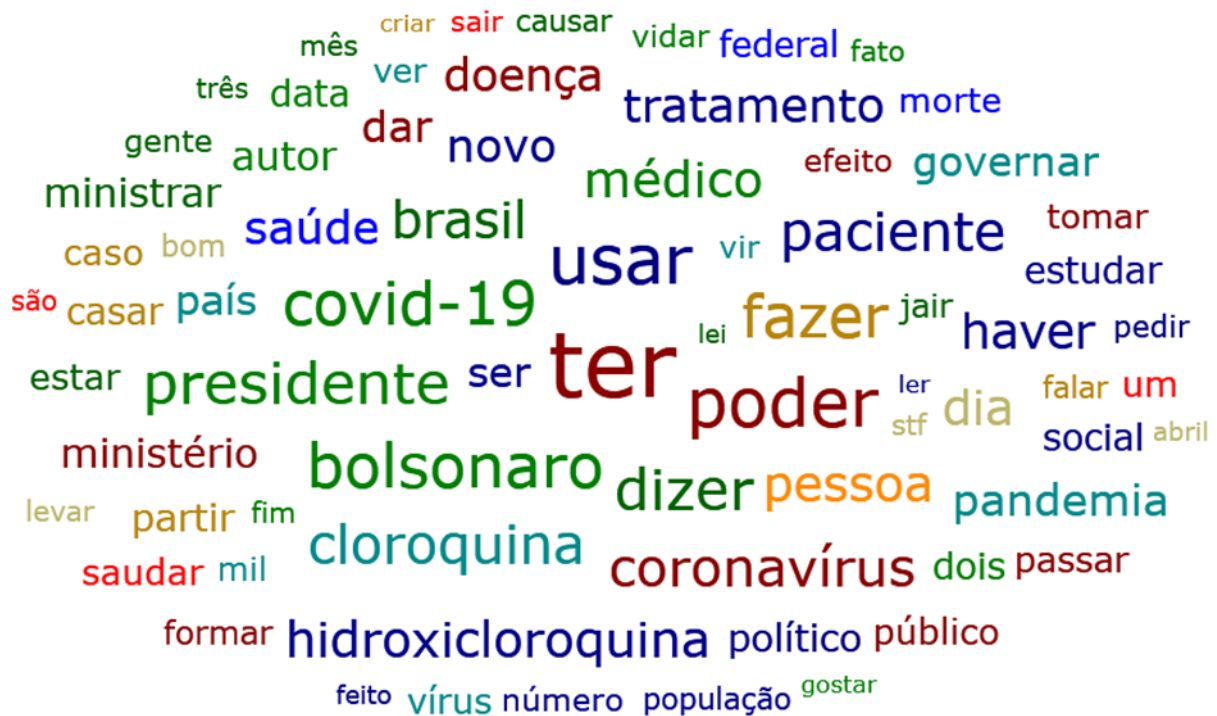


Figura 2: Nuvem de palavras com adjetivos, substantivos, numerais, nomes próprios e verbos

Nesse sentido, vemos, sobretudo, com a ilustração de número dois, a presença constante de referências ao presidente Bolsonaro, mostrando assim, que ele teve destaque nas notícias propagadas sobre o “tratamento precoce” que foram vinculadas na Gazeta do Povo. Para além, podemos ver outras referências a política, como o uso de “ministério”, “federal” e “STF”, demonstrando como a temática esteve vinculada com questões políticas.

4.2 O INÍCIO DA COBERTURA NA GAZETA: SINOFOBIA E ANTICOMUNISMO.

O primeiro caso do vírus SARS-CoV 2 foi registrado em Wuhan, na China, em meados de dezembro de 2019. Já no Brasil, o primeiro caso foi confirmado pelo Ministério da Saúde em 26 de fevereiro de 2020. A Gazeta noticiou o ocorrido com o título “O Brasil após o 1.o caso de coronavírus: o que o país vai fazer daqui pra frente”. Neste texto, é mencionado que o primeiro caso no Brasil veio de uma viagem à Itália, mostrando que, na época, o vírus já havia se espalhado para outros países além da China.

O primeiro caso de coronavírus no Brasil chegou no dia 21 e os primeiros sintomas foram relatados no dia 24, após uma reunião familiar com cerca de 30 pessoas (DESIDERI, 2020). Em relação a esse contato com diversas pessoas, o secretário-executivo do

Ministério da Saúde Brasileiro, João Gabardo dos Reis, disse: “Não vamos imaginar que, se uma pessoa teve contato com 60 ou 80 pessoas, vamos ter 60 ou 80 novos portadores do vírus. A média é muito menor” (DESIDERI, 2020).

Essa fala de João Gabardo pode ser compreendida como uma tentativa de evitar o pânico da população devido à falta de informações sobre a transmissão do vírus. Além disso, Wanderson de Oliveira, então secretário de Vigilância em Saúde, afirmou que o planejamento para combater o vírus é semelhante ao usado para combater a influenza em 2009: “Temos duas fases: a fase inicial, em que estamos agora, que é a fase de contenção, onde buscamos evitar que o vírus se espalhe. Caso ele se espalhe, temos a fase de mitigação, que é evitar casos graves e óbitos” (DESIDERI, 2020).

O artigo “Coronavírus: desinformação, medo e força como instrumento político”, publicado em 28 de janeiro de 2020, pode ser considerado um exemplo da abordagem dos colunistas da Gazeta do Povo sobre o assunto. Neste texto, Paulo Polzonoff Jr. retrata o vírus como “instrumento político” e dá a entender que foi deliberadamente “criado” pelos chineses:

A desinformação é um dos instrumentos mais usados pelos regimes comunistas – e com o coronavírus não é diferente. Parte dessa desinformação se dá pela própria natureza da doença – uma novidade assustadora sobre a qual pairam muitos pontos de interrogação, gerando um ambiente que alia pressa e medo. Mas boa parte das dúvidas são geradas pelo desejo de controle do Partido Comunista chinês e por sua vontade de impedir um estrago ainda maior na imagem do país. (POLZONOFF, 2020)

O autor também critica as medidas de isolamento adotadas pelo regime chinês, chamando de “presos” aqueles que estão em isolamento. Além disso, há uma forte carga de sinofobia no texto ao tratar o consumo de animais “diferentes” do padrão ocidental como:

[...] que não consegue educar e pôr proteína de qualidade na mesa das pessoas, levando-as, por ignorância ou necessidade, a consumirem animais exóticos e, assim, se exporem a patógenos desconhecidos [...] (POLZONOFF, 2020)

Para responder a Paulo Polzonoff Jr, podemos usar a produção acadêmica sobre o assunto. Silva (2020) aponta dois fatores principais para que novos vírus cheguem aos seres humanos: o primeiro é o avanço da população humana sobre áreas “virgens”, ou seja, o avanço da humanidade sobre áreas até então preservadas, o que acaba alterando a dinâmica biológica. Já o segundo fator, ao contrário do que Polzonoff sugere, não está ligado ao modo de produção comunista, mas sim à lógica capitalista por trás do trato de animais:

[...] eles são a primeira vítima de um sistema global que ignora o risco de uma pandemia para manter sua lógica cega e autodestrutiva em vigor. Por sua vez, o consumo de carne de animais selvagens se torna uma ameaça pandêmica à medida em que encontra os circuitos capitalista de produção industrial de alimentos em franca expansão. (SILVA, 2020, p. 184)

Em seu artigo “Tentaram passar por cima da ordem de Bolsonaro. Mas não conseguiram”, publicado em 30 de janeiro de 2020, Alexandre Garcia escreve algumas linhas sobre o novo coronavírus, apesar de ele não ser o tema principal. Garcia traz a notícia de que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estado de emergência em relação ao vírus (GARCIA, 2020a) e faz uma comparação entre o número de mortos pelo vírus na China até aquele momento e o número de mortes devido às calamidades provocadas pelas chuvas no Brasil:

Eu fiz uma comparação, relativa à população, dos números de mortes no Brasil pelas calamidades provocadas pelas chuvas e as mortes pelo coronavírus na China. Foram 170 mortes na China pelo vírus e cerca de 70 mortes aqui no Brasil. Comparando em função da população, 70 mortes para 210 milhões de brasileiros e 170 mortes para 1,4 bilhão de chineses... **Aqui nós temos uma calamidade três vezes superior em números relativos de mortos.** (GARCIA, 2020a, sem paginação, grifo nosso)

O autor da notícia também apresenta algumas medidas de controle contra as chuvas e as ações tomadas pelo então presidente Jair Bolsonaro para lidar com as calamidades provocadas pelas chuvas nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro (GARCIA, 2020). Podemos perceber aqui uma linha de pensamento semelhante à de Paulo Polzonoff Jr, de descrença em relação ao vírus.

Em 26 de fevereiro, foi noticiado sobre a eficácia do álcool em gel na prevenção de doenças. No entanto, o que mais nos chama a atenção é um trecho específico da notícia que se relaciona com o tratamento com (hidroxi)cloroquina: “Parasitas, verminoses, vírus e bactérias podem não ser tratados com um mesmo medicamento, mas existe uma medida simples, barata e fácil que previne contra todos.” (MILLÉO, 2020a). Dessa forma, podemos entender que, na ausência de qualquer possibilidade de tratamento, caberia à Gazeta divulgar medidas eficazes de prevenção contra o vírus.

Alexandre Garcia, em outro artigo intitulado “Bolsonaro compartilhou convocação de ato para 15 de março. E daí?”, defendeu a possibilidade de aglomerações com a argumentação de que não havia motivo para cancelar a manifestação devido ao primeiro caso confirmado de coronavírus e que aqueles que defendiam o cancelamento da manifestação tinham um “pensamento autoritário” e eram contrários às manifestações

populares (GARCIA, 2020b). No final da notícia, o autor apresentou uma informação que, não se teve confirmação científica de que o vírus perderia força em condições de calor.

Em apenas dois dias, tivemos três notícias que versam sobre a temática discutida até aqui. É importante ressaltar que os três autores são estrangeiros, com textos originais em outros idiomas, que foram republicados pela Gazeta. Além disso, as notícias foram publicadas em sites conservadores, “The Daily Signal” e na revista “National Review”, ambos com sede nos Estados Unidos, enquanto a outra foi publicada na mídia conservadora italiana “La Nuova Bussola Quotidiana”.

Seguindo uma lógica cronológica, a primeira notícia vinculada, no dia 12 de março de 2020, tem como autor o conservador Ben Shapiro (Speakman e Funk, 2020), originalmente publicada no “The Daily Signal”, com o título traduzido para “O que deveríamos aprender com o coronavírus”. Já a segunda notícia, também do mesmo dia, foi publicada pelo professor Stefano Magni, buscando compreender como outros três países conseguiram controlar o vírus sem adotar medidas “obsessivas” como a China (Magni, 2020). Esta notícia foi publicada na mídia “La Nuovo Bussola Quotidiana”. Por fim, dois dias depois, no dia 14, foi publicada a notícia “Por que as instituições médicas ao redor do mundo não devem confiar na China”, escrita por Marion Smith, na mídia National Review. Marion é diretora- executiva da “Fundação Memorial Vítimas do Comunismo”.

Essas três notícias acabaram por chamar a atenção, pois, num curto espaço de tempo, há grandes ataques ao modelo chinês de combate a pandemia. Como podemos ver:

A China tem sido elogiada pela forma como se intrometeu na vida pública, o que reduziu drasticamente a transmissão da doença. Mas, **se não fossem os esforços propagandísticos da China para abafar as notícias sobre o coronavírus**, a epidemia provavelmente não teria se tornado uma pandemia. (SHAPIRO, 2020, grifo nosso)

A China está se tornando uma verdadeira obsessão para quem busca exemplos de como lidar de forma eficaz com a epidemia de Covid-19. Mas além de ser inapropriado (foi precisamente neste país onde tudo começou e o regime tem uma grande parte de responsabilidade nisso), é também um exemplo incompleto, porque outros países da Ásia lutaram até agora de maneira eficaz contra o vírus e conseguiram contê-lo com resultados ainda melhores, **sem recorrer aos custosos e brutais métodos empregados pelo sistema comunista**. (MAGNI, 2020, grifo nosso)

Por que os organismos médicos internacionais estão aceitando a linha do Partido Comunista Chinês? Quando o coronavírus se espalhou da China pelo mundo em janeiro e fevereiro, a Organização Mundial da Saúde elogiou repetidamente os esforços de Pequim para contê-lo. **A agência fez isso apesar da censura da China**

a profissionais médicos e evidências de mortes subestimadas. (SMITH, 2020, grifo nosso)

Ben Shapiro, no primeiro artigo, apresenta a China como exemplo negativo, argumentando que a desinformação por parte do regime comunista foi um dos fatores principais para a disseminação do vírus. Já no segundo artigo, Stefano Magni defende que outros países foram mais eficazes no combate à pandemia, justamente por não terem adotado medidas “obsessivas” como a China. Por fim, no terceiro artigo, Marion Smith argumenta que instituições médicas de outros países não devem confiar na China no combate à pandemia, acusando o país de ter ocultado informações e de ter se beneficiado da crise para reforçar seu poder internacional.

Essas críticas à China podem ser vistas como uma tentativa de desqualificar o modelo de combate à pandemia adotado pelo país, buscando demonstrar outros modelos de redução do número de casos, principalmente, aqueles, que segundo a visão dos autores citados anteriormente, não afetariam as liberdades individuais de locomoção.

No artigo “Coronavírus vai arrasar nossa economia igual a greve dos caminhoneiros”, publicado em 16 de março de 2020, Alexandre Garcia argumenta que o medo do coronavírus é infundado, uma vez que ele é menos letal, mas mais contagioso do que a gripe comum ou o sarampo. Garcia também cria uma dicotomia entre economia e saúde, alegando que o coronavírus e as medidas de isolamento sociais necessárias para combatê-lo irão “arrasar nossa economia”. (GARCIA, 2020c, sem paginação) Essa preocupação com o impacto econômico da pandemia acabaria por se tornar um tema recorrente durante a crise do coronavírus.

Em seu artigo, Constantino (2020a) busca discutir a necessidade de equilibrar a preocupação com a saúde pública com o impacto econômico da epidemia do coronavírus, utilizando o pensamento de Bastiat para argumentar que é preciso avaliar as consequências a longo prazo das medidas tomadas. Ele cita o comentário de Prager sobre os possíveis efeitos do isolamento social, como o fechamento de empresas, a pobreza e o esgotamento de poupanças, como exemplos de como essa preocupação com a saúde deve ser equilibrada com a necessidade de preservar a economia. No entanto, essa descrição do isolamento social também pode ser vista como um reflexo do modo de produção capitalista, em que o lucro é colocado acima da saúde e bem-estar das pessoas:

O argumento de que a pandemia da COVID-19 gera desemprego, miséria, fome e, em decorrência disso, doenças e mortes, vale-se apenas de um fragmento da realidade analisada. É verdade que a pandemia contribuiu para o agravamento

dessas questões, mas essa narrativa parcelar parece ignorar que existe uma dinâmica econômica anterior que, por sua própria natureza, gera desigualdade social e todos os problemas dela decorrentes. (SOUZA, 2021, p. 7)

Nas notícias que foram analisadas, é possível notar uma tendência em minimizar o impacto do novo coronavírus e em promover a continuidade do modelo neoliberal. Em um primeiro momento, temos autores que defendem a ideia de que o vírus é menos perigoso do que outras doenças, e que o medo em torno dele é infundado. Em seguida, temos a ideia de que as medidas de isolamento e proteção à saúde prejudicariam a economia, criando uma dicotomia entre economia e saúde. Por fim, é apresentada a ideia de que é preciso evitar “demagogia” e focar nas consequências a longo prazo, sem considerar os impactos imediatos da pandemia. Todas essas visões são defesas do neoliberalismo, que buscam a manutenção do modelo econômico atual e minimizam a importância da vida.

1.4.2.1 (HIDROXI)CLOROQUINA: A POSSIBILIDADE DE ACABAR COM A PANDEMIA.

A Gazeta do Povo menciona pela primeira vez o tratamento com cloroquina e hidroxicloroquina em 19 de março de 2020, após o anúncio feito pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, de que a Food and Drug Administration (FDA) cobrando pressão na autorização do uso da cloroquina para o tratamento da COVID-19. A notícia, escrita por Amanda Milléo, descreve o medicamento e seu uso no combate à malária, além de citar estudos que examinaram a substância "in vitro" contra o vírus da COVID-19 e um único estudo francês que estava usando hidroxicloroquina em humanos (MILLÉO, 2020b). No entanto, esse último estudo, escrito por GAUTRET *et al.*, (2020), foi posteriormente questionado por erros metodológicos.

A segunda notícia sobre cloroquina e hidroxicloroquina publicada pela Gazeta do Povo foi escrita pela mesma jornalista que escreveu a primeira notícia, Amanda Milléo, e foi publicada um dia depois da primeira. Essa notícia se propõe a fornecer todas as informações necessárias sobre o medicamento ao seu público e inclui um virologista que explica como o vírus atua nas células humanas e como o medicamento age no corpo humano. A notícia também é cuidadosa em relação ao uso do medicamento, alertando

sobre os riscos para a saúde de seu uso sem acompanhamento médico e da falta de confirmação científica de sua eficácia naquele momento (MILLÉO, 2020c).

É no dia 25 de março, a primeira notícia que aproxima Jair Bolsonaro com a Cloroquina. Segundo a notícia Bolsonaro tuitou que:

O tratamento da COVID-19, a base de Hidroxicloriquina (sic) e Azitromicina, tem se mostrado eficaz nos pacientes ora em tratamento. Nos próximos dias, tais resultados poderão ser apresentados ao público, trazendo o necessário ambiente de tranquilidade e serenidade ao Brasil e ao mundo. (ESTADÃO, 2020a, sem paginação)

No dia 26 de março de 2020, Alexandre Garcia publicou um artigo intitulado "Quantos empregos vamos perder para o coronavírus?", que é dividido em quatro partes. Na primeira parte, Garcia relata o contato com o prefeito de sua cidade, que comenta o perigo do fechamento do comércio e indústrias para a arrecadação da cidade. Na segunda parte, o autor comenta a reunião do G-20, um grupo composto pelas 20 maiores economias do mundo, e menciona a fala de Jair Bolsonaro sobre o foco do Brasil ser "[...] a saúde, o emprego e proteger os mais vulneráveis." (GARCIA, 2020d, sem paginação). Para além, Garcia apresenta a fala do presidente brasileiro sobre a cloroquina, e junto disso, faz um relato pessoal sobre a utilização do medicamento:

Falou também sobre usar a cloroquina, que é um remédio contra a malária. Eu já tomei essa medicação em outras épocas em que ele era mais agressivo. É um "veneno", depende da dosagem. **A versão atual é menos agressiva, mas não deve ser usada sem prescrição médica e nem por qualquer um.** (GARCIA, 2020d, sem paginação, grifo nosso)

Na terceira parte do artigo, Garcia critica a decisão do ministro do Superior Tribunal Federal, Marco Aurélio Mello, sobre a responsabilidade do governo federal na administração dos transportes. Ele também relata um vídeo de um dono de indústria cujo negócio pegou fogo e não pôde ser combatido devido a bloqueios em estradas que impediram os bombeiros de chegar ao local.

Na parte final de seu artigo, Garcia faz uma comparação demográfica entre o Brasil, segundo o autor, um país mais jovem e a Itália, com população demográfica com faixa etária mais alta, justificando uma menor preocupação para com o vírus, para além disso, o autor retoma o argumento que o clima tropical do Brasil, protegeria mais contra o vírus.

Em seu pronunciamento em rede nacional no último dia de março, Jair Bolsonaro descreveu o coronavírus como o "maior desafio de nossa geração". Ele tentou equilibrar a economia com a saúde, citando as palavras do diretor geral OMS, Tedros Adanon, de que:

"muitas pessoas, de fato, têm que trabalhar todos os dias para ganhar seu pão diário" (SOARES, 2020, sem paginação)

O posicionamento de Bolsonaro frente a pandemia está resumido nessa frase: "Temos uma missão: salvar vidas, sem deixar para trás os empregos." (ibidem, sem paginação). No entanto, a continuada campanha do presidente contra o isolamento social e a sua defesa de medicamentos que não tinham comprovação científica acabaram por levar ao aumento da mortalidade durante a pandemia, prova disso, é que nesse discurso, se há a propaganda da hidroxicloroquina:

Vamos cumprir essa missão, ao mesmo tempo em que cuidamos da saúde das pessoas. O vírus é uma realidade, ainda não existe vacina contra ele, **ou remédio com eficiência cientificamente comprovada, apesar da hidroxicloroquina parecer bastante eficaz.** (SOARES, 202, sem paginação, grifo nosso)

Considerando a dimensão da fala de Bolsonaro, num contexto pandêmico e de isolamento das pessoas, falar sobre um medicamento, é incentivar as pessoas a utilizá-lo. Mesmo sem uma formação na área médica, por ser o presidente do país, as falas de Bolsonaro acabam por ter grande impacto na população, por conta de sua posição oficial, logo, ao citar nominalmente medicamentos, acaba por incentivar a procura pelo medicamento.

Em notícias publicadas no dia 21 de março,⁹ e em 31 do referido mês¹⁰, é apresentado a corrida por cloroquina, tendo em vista sua utilização no combate de outras doenças, nesse caso, com comprovação científica. Segundo o Estadão (2020b, sem paginação), sem conseguir a compra do medicamento, pacientes que faziam o uso dele, estavam reduzindo a dosagem, para não ficar completamente sem o medicamento.

Por fim, podemos compreender que nesse período inicial da pandemia, a vinculação de notícias ou ainda, de pronunciamentos ou até mesmo "tweet" por parte do presidente da República, criava uma sensação de esperança frente a pandemia, logo, uma corrida atrás dos medicamentos era iniciada, afetando, sobretudo, aqueles que dependiam do medicamento para controle de outras doenças.

⁹ Corrida por hidroxicloroquina afeta tratamento de outras doenças. Gazeta do Povo. Curitiba, 21 março, 2023. Sempre em Família. Disponível em: <https://www.semprefamilia.com.br/saude/corrida-por-hidroxicloroquina-afeta-tratamento-de-outras-doencas/>. Acesso em: 09 fev, 2023.

¹⁰ DAL MOLIN, Giorgio. Existe risco real de desabastecimento no Brasil por conta do coronavírus?. Gazeta do Povo, Curitiba, 31 março, 2020. Bom dia. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/bom-dia/coronavirus-no-brasil-desabastecimento/>. Acesso em: 09 fev, 2023.

1.4.2.2 DEFESA DA CLOROQUINA CONTRA A OPOSIÇÃO POLÍTICA

Próprio da lógica neofascista, a necessidade da criação do outro, do inimigo. Para Lowy (2019), a criação desse inimigo serve como bode expiatório para os problemas do país. No caso brasileiro, o grande inimigo da pátria, dos costumes e valores seria à esquerda política.

Podemos observar que o quadro de colunistas da Gazeta do Povo apontava para essa direção em relação ao “tratamento precoce”. Num espaço de três dias, entre 5 e 7 de abril, três artigos foram publicados, utilizando dessa retórica de inimigo.

No dia 5, Rodrigo Constantino publicou o artigo intitulado: “Por que torcem contra a cloroquina?”, no qual busca atacar todos aqueles que condenavam, então, o uso da cloroquina. Para Constantino, a pandemia era um tempo de exceção, no qual:

O governo liberal passa a gastar muito mais, deixando para depois o ajuste fiscal; estados democráticos se tornam autoritários e tomam medidas típicas de ditaduras; perdemos nossas liberdades temporariamente [...] (CONSTANTINO, 2020b, sem paginação).

Com esse pressuposto, Constantino busca construir e reconstruir argumentos a favor da cloroquina, colocando o tratamento como uma possibilidade, que mesmo sem a devida comprovação da ciência, deveria ser utilizado, já que:

Será que ela é mesmo a Santa Cloroquina? Não sabemos ainda, é verdade. Há sinais positivos. Mas uma coisa é certa: estamos diante de uma emergência sem precedentes, pois as paralisações colocaram o mundo de joelhos e podem causar uma depressão, além das perdas de vidas que continuam. Nesse cenário, é difícil demais entender o excesso de “zelo” de alguns com “mais estudos” na hora de ministrar um remédio de baixo risco e que tem surtido efeito em vários pacientes. O que se passa? (CONSTANTINO, 2020, sem paginação)

O texto por fim, se encerra afirmando que a politização da cloroquina é fruto de “abutres oportunistas, que politizaram tudo e não conseguem mais esconder seu desejo patológico de derrubar Bolsonaro.” (CONSTANTINO, 2020b, sem paginação).

Ao encontro com a fonte anterior, se há também publicado no mesmo dia, outro artigo de Alexandre Garcia, com o título de “Cloroquina traz esperança no combate ao coronavírus”. Para o autor, aqueles que defendiam o isolamento social em oposição ao “tratamento precoce”, estavam agindo para a derrubada do governo de Bolsonaro. Para além, Garcia argumenta que se há a mistura de: “política, ideologia, vingança, ódio e por isso está havendo o isolamento social” (GARCIA, 2020e, sem paginação).

Confluindo com seu texto anterior, novamente Alexandre Garcia publica novo artigo, dessa vez no dia 6 de abril, com a chamada de: “Se você é contra Bolsonaro, não precisa ser contra a cloroquina”. Ao longo desse artigo, Garcia faz novamente a defesa da cloroquina, ainda que o autor assuma que naquele momento: “O remédio usado contra a malária ainda não é uma unanimidade. Muitos médicos afirmam que a eficácia não é comprovada.” (GARCIA, 2020f, sem paginação). Ainda que Garcia faça essa ressalva, ele assume postura parecida com Constantino, de que na ausência de outras possibilidades: “Se não tem outro vai a cloroquina mesmo, apesar das contraindicações.” (2020f, sem paginação)

Para além, Garcia (2020f, sem paginação) busca aprofundar o título de seu artigo em dois parágrafos, quando afirma que “Se você é contra o governo, não precisa ser contra o medicamento.”. Assumindo que a eficácia do tratamento estivesse diretamente ligada a uma questão de fé, e não pela ação do tratamento contra o vírus fosse ineficaz no teste da realidade.

O último artigo selecionado para análise tem como título “Por que médicos se recusam a admitir que tomaram hidroxicloroquina?” e tem como Rodrigo Constantino como autor. O autor tem como referência para escrita a “polêmica” envolvendo dois médicos famosos, David Uip e Roberto Kalil Filho e a utilização (ou não) de (hidroxi)cloroquina em seus tratamentos pessoais contra a COVID-19.

Constantino abre seu artigo afirmando que “politizaram tudo” (2020c, sem paginação). Além disso, adota uma postura de superioridade frente aqueles que ele chama de “leigo monopolizando quem fala em nome da ciência” (CONSTANTINO, 2020c, sem paginação), pois, segundo ele, leigos até pouco tempo atrás não conheciam a hidroxicloroquina e hoje já se sentem no direito de condenar o seu uso. O autor retoma novamente seu argumento de que em tempos de exceção, as medidas também deveriam ter uma exceção, conforme:

Como Jair Bolsonaro e Donald Trump, os dois líderes políticos mais odiados pela esquerda no mundo, resolveram apostar suas fichas e esperança na hidroxicloroquina, eis que muitos passaram a torcer contra o medicamento, que é genérico e utilizado há décadas, com baixo risco. Aceitam relaxar todos os protocolos, **abandonar austeridade e usar governo para gastar, ceder liberdades e permitir estado policialesco, mas não aceitam abrir mão do "rigor científico" na hora de aplicar o remédio?** (CONSTANTINO, 2020c, sem paginação)

Constantino (2020d), também escreve outro artigo a questionar a OMS. A base argumentativa dele está baseada nas inúmeras relações entre a OMS e governos

comunistas. Desde a aceitação dos dados fornecidos pelo governo chinês, ou até mesmo, o histórico de militância em partidos de esquerda por Tedros Adhanom, servem como possibilidade de desconfiar da OMS e suas ações. Por fim, ao questionar o porquê se há a necessidade de se seguir as orientações de órgãos supranacionais, Constantino apresenta sua carta final: o globalismo. Para Pena (2019, p. 372), afirma que é: “[...] como um meio de controle mundial a fim de implementar uma nova ordem administrativa mundial”. Ou seja, a atuação da OMS em conjunto da China, estaria ligada a interesses supranacionais.

1.4.3 DEBATE SOBRE A CIÊNCIA

Ao longo desse capítulo, trataremos a maneira no qual a ciência e o debate que estava sendo realizado em torno da cloroquina foi reproduzido em artigos e notícias vinculadas na Gazeta do Povo.

“O Brasil inventou a torcida de remédio” escrito por Madeleine Lacsco e publicado no dia 08 de abril. O texto possui como subtítulo: “Enquanto centenas de milhares se desdobram em silêncio para vencer a pandemia, uma minoria barulhenta inventa um dos maiores serviços de inutilidade pública da história.” (LACSKO, 2020, sem paginação). Ao longo do artigo, a autora dedica algumas páginas para relatar sobre as descobertas realizadas por Isaac Newton durante um surte de peste bubônica. Esse é o gancho inicial para a autora tratar da realidade daquele momento, já que para ela:

aposto que há pessoas desenvolvendo obras e teorias que só iremos conhecer e apreciar daqui a algum tempo, quando tudo isso já tiver passado. E também há os que estão na linha de frente, seja na pesquisa ou no atendimento direto às pessoas contaminadas (LACSKO, 2020, sem paginação)

Ao longo do texto, Lacsco (2020, sem paginação) também faz uma reflexão sobre o que ela chama de “torcida pelo medicamento”. Para a autora, as discussões, ou até mesmo, a torcida pela cloroquina, ou então, para aqueles que contestavam a utilização do medicamento, os “torcedores do vírus”, marca o então estado de polarização política no Brasil.

“Não se assuste: a política sempre influenciou a ciência médica” de Fábio Silveira com data de publicação no dia 13 de abril, possui como objetivo demonstrar que ao longo

da ciência moderna, questões políticas alteraram o desenvolvimento da ciência. O autor dá alguns exemplos, como o desenvolvimento da pílula anticoncepcional, do desenvolvimento da cloroquina ou até mesmo da ida do homem até a Lua.

Silveira também faz uma relação entre o avanço das tecnologias de comunicação em massa, especialmente a internet com o desenvolvimento cada vez maior de interação entre cientistas, acelerando, assim, a difusão de conhecimentos. Ao mesmo tempo, o autor pontua que se há cada vez mais não-cientistas expondo suas opiniões. Por fim, é pontuado que: “Estamos vivendo, com certeza, em toda a história, a maior interação entre ciência e anseios da humanidade.” (SILVEIRA, 2020, sem paginação). Sem dúvida, o autor está certo nesse posicionamento, tendo em vista que com o processo de globalização, a superação das fronteiras nacionais pelo capital internacional, se há a necessidade, cada vez maior, de aproximar o conhecimento científico da população em geral.

Assis José Couto do Nascimento, em 17 de abril manifestou através do artigo com a chamada de “A ciência, o coronavírus e o outro”, suas ponderações em relação a ciência contemporânea. Tendo como base um diálogo realizado através da rede de comunicação Whatsapp, o autor relata que ao compartilhar uma notícia da utilização da hidroxicloroquina na Índia, um médico teria respondido que esperava que aquilo fosse falso. A partir disso, o autor crítica aquilo que seria as bases da ciência contemporânea:

Aparentemente, a ciência deixou de ser um sistema organizado de construção de perguntas e respostas para ser, de um lado, um espaço de verdades incontestáveis; e, de outro, o cantinho da vergonha dos “negacionistas”, compreendido como todo aquele que discorda daquilo que o mainstream afirma estar correto. Nessa lógica, o argumento não tem valor em si, pois depende da posição de poder do interlocutor. Aparentemente, é esse o estado da arte da “ciência” contemporânea. (NASCIMENTO, 2020, sem paginação)

A tese central do autor está indo ao encontro de que o racionalismo científico, baseado em argumentos, experimentações, observação não existe mais no contexto da pandemia, existindo apenas: “[...] argumentos estão muito mais na política do que na ciência.” (NASCIMENTO, 2020, sem paginação).

Ao mesmo tempo, o autor busca fazer uma comparação entre a cloroquina e o isolamento da população. Para o autor, se é necessário a comprovação científica da eficácia da cloroquina, também far-se-ia necessário a comprovação científica da eficácia do isolamento.

Ainda sobre o isolamento da população, o autor defende a preocupação para com o “Outro”, especialmente aqueles, que segundo o autor, teriam a autorização de pegar o vírus por conta de sua profissão.

Ainda que a tentativa de Nascimento (2020) em se apresentar como neutro, como no trecho: “preciso alertar: não me considero negacionista”. Mudei meu escritório para casa, estamos todos da família em isolamento” (sem paginação), o autor faz uma relativização entre aquilo que espera que dê certo (cloroquina) e aquilo que condena (“tratamento precoce”).

Com a análise dessas fontes, podemos perceber um posicionamento conservador em relação a ciência. Em Ramallete (2020), se há a tentativa de argumentação sobre uma “divisão das ciências”. A Ciência (com C maiúsculo, segundo o autor) seria a ciência experimental e isenta de influências da política, tendo como exemplo maior as ciências exatas. Enquanto a ciência (com c minúsculo), seria a ciência pós-moderna, no qual tudo seria politizado, acontecendo principalmente nas ciências humanas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passado mais de treze meses desde a escolha de temática para o trabalho de conclusão de curso, até o momento dessa escrita, faz-se necessário algumas reflexões. A mais importante, e por conta disso, citada em primeiro lugar é que a temática da pandemia não está encerrada. Ainda que, no caso desse trabalho, as fontes primárias estivessem delimitadas em apenas um ano, as pesquisas sobre os impactos culturais, econômicos, sociais e políticos da pandemia ainda estão sendo produzidas. Outro aspecto importante, este, se restringindo especificamente ao Brasil, é a promessa de quebra dos sigilos de cem anos em relação a documentos da pandemia.

Outra reflexão pertinente a se fazer, é que um dos marcos teóricos iniciais do texto está na ineficiência do tratamento com (hidroxi)cloroquina contra o coronavírus. Uma das belezas da produção de história do tempo presente, é a relação entre o conhecimento do presente e o desenrolar do futuro, em outras palavras, o presente trabalho fora produzido a partir do conhecimento produzido disponível no presente, entretanto, tampouco, temos controle sobre aquilo que será produzido cientificamente no futuro, podendo refutar inteiramente as hipóteses aqui levantadas em alguns meses.

Creremos ser necessário fazer alguns apontamentos sobre a utilização de softwares do tipo CAQDAS. Na possibilidade de ter um espectro geral sobre as 575 fontes, acabamos escolhendo o ATLAS.TI, que com seus recursos nos possibilitariam uma análise adequada. Além disso, a possibilidade de compilar todas as notícias em apenas um software foi de grande valia para a otimização do tempo de pesquisa. Entretanto, cabe aqui a nós fazer uma cobrança em relação a esses softwares, já que, seu funcionamento se dá através de licenças pagas, e infelizmente, a Universidade Federal da Fronteira Sul não disponibiliza tais recursos para seus estudantes.

Por fim, podemos também fazer algumas considerações metodológicas sobre o presente trabalho. A escolha de não lidar com os comentários presentes nos artigos, editoriais e notícias se deu por conta da possibilidade de não se dar conta daquilo que fora proposto, entretanto, de antemão, essa é uma das possibilidades futuras sobre os estudos da pandemia, especialmente, em relação a (hidroxi)cloroquina.

A pandemia do coronavírus pode ser interpretada como um potencializador de discussões científicas, seja por especialistas, seja pela população em geral. As discussões

entre a relação ciência e política tiveram grande espaço, seja dentro da área científica, seja na mídia em geral. O comportamento de políticos, como Jair Bolsonaro, ao ignorar a produção científica, considerando apenas um estudo problemático, demonstra que os instrumentos da ciência, conforme Latour (2004) afirmava, não foram utilizados como base para a formulação de políticas públicas.

No terceiro capítulo, no qual buscamos reconstruir, mesmo que de forma breve, a história da Gazeta do Povo, podemos perceber mais claramente a maneira que a ideologia atua. Especialmente após sua mudança editorial, a Gazeta busca se inserir em espaço nacional, passando a conduzir o pensamento conservador através de suas páginas (mesmo que virtuais).

Entre o aspecto mais notável em relação ao posicionamento conservador da Gazeta, podemos notar que entre os colunistas que atuaram de forma mais preponderante em defesa da Cloroquina, como Rodrigo Constantino e Alexandre Garcia, foram contratados após a mudança editorial.

Ambos os autores foram capazes de mobilizar seus leitores em duas frentes num primeiro momento: a primeira, em ridiculizar os impactos de saúde por conta do coronavírus, já em um segundo momento, houve a tentativa de incumbir responsabilidade no governo comunista chinês, ora de maneira deliberada, ora de maneira desintencional por conta da pandemia.

Paralelo a isso, fora possível observar os comentários de cunho racistas em relação à sociedade chinesa, em congruência com um anticomunismo ferrenho. Dentro dessa perspectiva, tampouco, a Organização Mundial de Saúde e seu diretor-geral, Tedros Adhanom foram deixados de fora de críticas a partir daquilo que se é entendido como “Globalismo”.

Ainda que a maior parte das fontes utilizadas sejam através de artigos publicados, e essa possa ser um motivo de crítica, concordamos com o argumento de Guilbert (2020) que é através dos artigos, que, justamente, podemos observar de forma mais satisfatória, as posições defendidas pelo jornal.

A maneira no qual a (hidroxi)cloroquina fora representada na Gazeta do Povo, pouco variou. Em sua maior parte, foi possível observar o medicamento como salvação, não apenas de vida, já que a argumentação era de que ela era eficaz, sobretudo através de relatos médicos, nunca informando qual era o médico que dava seu relato, e talvez, mais importante do que isso, era a salvação para a economia, por conta de seu baixo custo de

produção. Verbicaro (2020), já demonstrava a contradição do neoliberalismo, de sua constante busca pelo lucro acima de tudo.

Em momentos que os medicamentos não estavam como a salvação da humanidade e economia, fora possível observar a tentativa de equilibrar os dois lados, aquele a favor do “tratamento precoce” e o contrário. Na tentativa de defender-se dos argumentos contrários à utilização da cloroquina, especialmente por conta de sua eficácia não comprovada, passou-se a utilizar a argumentação de que o isolamento social também não tinha eficácia comprovada na ciência, entretanto, ao contrário do primeiro, o segundo possuía impactos econômicos. Novamente, a economia e lucros sendo colocados acima da vida humana.

Não podemos deixar de notar ainda, que a argumentação fascista, de criação de um inimigo que buscaria defender os sagrados valores também se encontra presente nas fontes até aqui utilizadas. Independentemente da atuação, seja cientista, médico ou político, aqueles que condenavam a indicação dos medicamentos, logo, eram taxados como “torcedores do vírus”.

Pela lógica liberal, segundo Guilbert (2020), se há a tentativa de se tornar mercadoria tudo aquilo, inclusive aquilo que não se é possível. Às críticas realizadas às ciências, também ocorrem dessa maneira. Ramallete (2020) cria uma distinção entre Ciência (com C maiúsculo) e ciência (com C minúsculo). A primeira, não fora “infectada” pelas questões políticas, logo, ela é pura. Tal Ciência (segundo da distinção do autor) apenas existe nas ciências de “ponta”, como por exemplo as ciências da terra. Já as ciências, especialmente as ciências humanas, estão imbricadas com questões políticas, logo, não seriam realmente ciências. Essa defesa da separação entre política e ciência, vejamos a ironia, já é superada dentro das ciências, tendo em vista os estudos realizados sobretudo por Latour (2004; 2011).

Tendo em vista tudo isso, podemos concluir que sim, a Gazeta do Povo através de seu material produzido e compartilhado durante 2020 atuou em defesa do “tratamento precoce” em (Hidroxi)cloroquina, variando entre os momentos de defesa incondicional, principalmente nos primeiros meses, e a partir da segunda metade de 2020, passando a defender atacando, ou seja, condenando o isolamento social como forma de garantir a possibilidade dos usos do medicamento.

A pandemia no Brasil poderia ter sido diferente, se ao invés da negação da produção da ciência, pudéssemos ter tido políticas públicas a partir de tais produções. Tampouco, as mortes decorrentes do coronavírus findam em 31 de dezembro de 2020, data limite desse

trabalho. Fora do período delimitado desse trabalho, mas necessário constar nele, em janeiro de 2021 tivemos um dos maiores experimentos médicos com humanos da história, na cidade de Manaus. Desde a nebulização de cloroquina em pacientes hospitalizados, passando por um aplicativo que indicava doses letais do mesmo medicamento para bebês, por fim, chegando à falta de oxigênio, levando pessoas a morte.

Escrever um trabalho sobre a cloroquina, Gazeta do Povo e Jair Bolsonaro não é apenas mais uma escrita para se obter um diploma acadêmico. Escrever sobre a pandemia no Brasil, é um grito, um grito necessário por todos aqueles brasileiros e brasileiras, dos mais novos até os mais velhos, que por conta de ações deliberadas por parte do Governo Federal Brasileiro, acabaram falecendo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEVEDO MARIN, R. E. Pandemia da Covid-19 na História do Tempo Presente. **Afros & Amazônicos**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 95–101, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/afroseamazonicos/article/view/6183>. Acesso em: 4 jan. 2023.

ADORNO, Theodor W. “Sobre Sujeito e Objeto”. In: **Palavras e Sinais – Modelos Críticos 2**. Petrópolis. Vozes, 1995.

ALBUQUERQUE, Afonso de. Um outro “Quarto Poder”: imprensa e compromisso político no Brasil. **Revista Contracampo**, Niterói, n. 04, p. 23-57, jan. 2000. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17299/10937>. Acesso em: 13 jan. 2023.

ALBUQUERQUE, Afonso. Aconteceu num carnaval: algumas observações sobre o mito de origem do jornalismo brasileiro moderno. **Revista Ecó-Pos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 95-116, abr. 2009. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/987/927. Acesso em: 02 jan. 2023.

ALBUQUERQUE, A. de. A modernização autoritária do jornalismo brasileiro. **Alceu – Revista de Comunicação, Cultura e Política**, v. 20, p. 100–115, 2010. Disponível em: http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu20_Albuquerque.pdf. Acesso em: 02 jan. 2023.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

ALVES, P. S., ONO, L. G. S. F., FREITAS, N. L., Silva, G. V., & SOARES, C. P. (2020). Vacinas: história, tecnologia e desafios para terapia contra o SARS-CoV-2. **Ulakes Journal of Medicine**, 1, 125-141.

AVELINO, W. F. ; MENDES, J. G.. A REALIDADE DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA A PARTIR DA COVID-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 2, n. 5, p. 56–62, 2020. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/137>. Acesso em: 4 jan. 2023.

ARBOSA, B. et al. 2020. Deputados governistas lideram desinformação sobre Covid-19 entre parlamentares no Twitter. **Aos Fatos**. Radar, 17 dez. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/deputados-gover-nistas-lideram-desinformacao-sobre-covid-19-entre--parlamentares-no-twitter>

BARCELOS, Thainá do Nascimento de *et al.* Análise de fake news veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. *Revista Panamericana de Salud Pública*, [S.L.], v. 45, n. 1, p. 1-8, 13 maio 2021. **Pan American Health Organization**. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/rpsp/2021.v45/e65/pt>. Acesso em: 04 jan. 2023.

BARROS, José D'Assunção. PONTES INTERDISCIPLINARES: instâncias que se abrem como ligações para os diversos campos de saber. **Brathair - Revista de Estudos Celtas e Germânicos**, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 412-445, 23 abr. 2021. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/2300/1790>. Acesso em: 03 jan. 2023.

BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.

BORBA, M. G. S. et al. "Effect of High vs Low Doses of Chloroquine Diphosphate as Adjunctive Therapy for Patients Hospitalized With Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 (SARS-CoV-2) Infection: A Randomized Clinical Trial." **The Journal of the American Medical Association**, vol. 3, n. 4, e208857, 24 abr. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CARDOSO, Maria da Graça Reis. UM DILEMA PARA A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE: restrições impostas pela covid 19 nas comunidades de terreiro em São Luís – MA. In: **ENCONTRO INTERNACIONAL HISTÓRIA & PARCERIAS**, 3., 2021, Online. Anais [...]. Rio de Janeiro: Anpuh-RJ, 2021. p. 1-14. Disponível em: https://historiaeparcerias.rj.auh.org/resources/anais/19/hep2021/1635731529_ARQUIVO_8ffae9e1206e6a214f315d54107d4b8e.pdf. Acesso em: 04 jan. 2023.

CHALMERS, Alan. **A fabricação da ciência**. São Paulo: Editora UNESP. 1994. p. 185.

CHAPARRO, Manuel. **Jornalismo na fonte**. Editora Celebris. São Paulo, 1996.

CORRÊA, Marilena Cordeiro Dias Villela et al. Controvérsias em torno do uso experimental da cloroquina / hidroxicloroquina contra a Covid-19: "no magic bullet". *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, [S.L.], v. 30, n. 2, p. 1-21, 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312020300217>. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/physis/2020.v30n2/e300217/pt>. Acesso em: 21 jan. 2023.

CONSTANTINO, Rodrigo. A importância da Gazeta do Povo para o jornalismo brasileiro **Gazeta do Povo**. Curitiba. 01 fev. 2019. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/100-anos/importancia-da-gazeta-povo-para-o-jornalismo-brasileiro/>. Acesso em: 20 jan. 2023

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Mores. História do tempo presente e ensino de História. **Revista História Hoje**, [S.L.], v. 2, n. 4, p. 19, 19 jun. 2014. *Revista História Hoje*. <http://dx.doi.org/10.20949/rhhj.v2i4.90>. Disponível em: <https://rhhj.auh.org/RHHJ/article/view/90/70>. Acesso em: 02 jan. 2023.

Deputados do PCdoB condenam lobby de Bolsonaro por cloroquina. **Site do PCdoB**, São Paulo, 10, abril de 2020. Disponível em: <https://pcdob.org.br/noticias/deputados-do-pcdob-condenam-lobby-de-bolsonaro-por-cloroquina/>. Acesso em: 09 fev, 2023.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. **Tempo e Argumento – Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 4, n.1, p. 5-23, 2012.

DUCZMAL, Luiz Henrique et al. Vertical social distancing policy is ineffective to contain the COVID-19 pandemic. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.L.], v. 36, n. 5, p. 1-9, maio 2020. FapUNIFESP (SciELO).. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00084420>. Acesso em: 02 jan. 2023.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Editora Boitempo, 2007.

GALHARDI, Cláudia Pereira et al. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 25, n. 2, p. 4201-4210, out. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/XnfpYRR45Z4nXskC3PT8z/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 jan. 2023.

GAUTRET et al. Hydroxychloroquine and azithromycin as a treatment of COVID-19: results of an open-label non-randomized clinical trial. **International Journal of Antimicrobial Agents** – In Press. 17 Mar 2020 – DOI :10.1016/j.ijantimicag.2020.105949.

GEHRKE, Marília; BENETTI, Marcia. A desinformação no Brasil durante a pandemia de Covid-19. **Fronteiras - Estudos Midiáticos**, [S.L.], v. 23, n. 2, p. 14-28, 14 set. 2021. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/22527/60748716>. Acesso em: 13 jan. 2023.

GELERIS, J.; SUN, Y.; PLATT, J.; ZUCKER, J.; BALDWIN, M.; HRIPCSAK, G. et al. Observational study of hydroxychloroquine in hospitalized patients with covid-19. *N Engl J Med*. 2020;382:2411-2418. doi:10.1056/NEJMoa2012410

GOMES OLIVEIRA, G. (2022). A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E A BNCC. **REPOSITÓRIO DE ANAIS DA AUH-GO**, 241/249. Recuperado de <https://auhgoias.com.br/periodicos/index.php/caliandra/article/view/44>

GUILBERT, Thierry. **As Evidências do Discurso Neoliberal na Mídia**. Campinas: Editora Da Unicamp. 2020. 142 p.

SOUSA JÚNIOR, João Henriques de; RAASCH, Michele; SOARES, João Coelho; RIBEIRO, Letícia Virgínia Henriques Alves de Sousa. Da Desinformação ao Caos: uma análise das fake news frente à pandemia do coronavírus (covid-19) no brasil. **Cadernos de Prospecção**, [S.L.], v. 13, n. 2, p. 331, 16 abr. 2020. Universidade Federal da Bahia. <http://dx.doi.org/10.9771/cp.v13i2.35978>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/nit/article/view/35978/20912>. Acesso em: 04 jan. 2023.

KOHAN, Walter Omar. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. **Praxis Educativa**, [S.L.], v. 15, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16212/209209213391>. Acesso em: 02 jan. 2023.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. **Políticas da natureza**. Como fazer ciência na democracia. Bauru: EDUSC, 2004.

_____. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 2009. 150 p.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Reflexões sobre a história do tempo presente: uma história do vivido. In: REIS, Tiago Siqueira et al. (Orgs.). **Coleção história do tempo presente**. Volume I. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019. pp. 11-26.

LORENZI, B. R.; ANDRADE, T. N. Latour e Bourdieu: rediscutindo as controvérsias. **Teoria & Pesquisa**: revista de ciência política, São Carlos, v. 20, n. 2, p. 107-121, 2011.

LOWY, Michel. Neofascismo: um fenômeno planetário –o caso Bolsonaro. **A Terra É Redonda**, 2019. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/neofascismo-um-fenomeno-planetario-o-caso-bolsonaro/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.

MELO, J. R. R. et al. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. **Cadernos de Saúde Pública** [online]. 2021, v. 37, n. 4. Disponível em: scielo.br/j/csp/a/tTzxtM86YwzCwBGNVBHKmrQ/?lang=pt. Acesso em: 04 jan 2023.

NUNES, João. A pandemia de COVID-19: securitização, crise neoliberal e a vulnerabilização global. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.L.], v. 36, n. 5, p. 1-4, 2020. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/static/arquivo/1678-4464-csp-36-05-e00063120.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2023.

OLIVEIRA FILHA, Elza Aparecida. **Olhares sobre uma cobertura: a eleição de 2002 para o governo do Paraná em três jornais locais**. 2006. 330 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio do Sinos, 2006.

OLIVEIRA, V. H. N. “O ANTES, O AGORA E O DEPOIS”: ALGUNS DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA FRENTE À PANDEMIA DE COVID-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 3, n. 9, p. 19–25, 2020. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/73>. Acesso em: 4 jan. 2023.

PARISER, Eli. *The Filter Bubble*. New York: The Penguin Press, 2011.

Pena, L. P. J. (2019). “Globalismo”: o discurso em política internacional sob a ideologia da nova extrema direita brasileira. **Fronteira: Revista De iniciação científica Em Relações Internacionais**, 18(36), 371-386. Recuperado de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/fronteira/article/view/19677>

PENAFORTE, Thais Rodrigues. O negacionismo enquanto política: o debate da cloroquina em uma comissão parlamentar. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.L.], v. 37, n. 7, p. 1-13, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csp/2021.v37n7/e00023021/pt>. Acesso em: 02 jan. 2013.

PEREIRA, Alexandre de Jesus; NARDUCHI, Fábio; MIRANDA, Maria Geralda de. BIOPOLÍTICA E EDUCAÇÃO: os impactos da pandemia do covid-19 nas escolas públicas. *Revista Augustus*, [S.L.], v. 25, n. 51, p. 219-236, 3 jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/554/299>. Acesso em: 04 jan. 2023.

POPPER, Karl. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 1993.

ROSENBERG E. S.; DUFORT E. M.; UDO T.; WILBERSCHIED L. A.; KUMAR J.; TESORIERO J. et al. Association of treatment with hydroxychloroquine or azithromycin with in-hospital mortality in patients with covid-19 in new york state. **The Journal of the American Medical Association**. 2020;323(24):2493- 2502. doi: 10.1001/jama.2020.8630

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez Editora. 2018. p. 109.

SANTOS, Alexandre Correia dos. O Jornalismo de região em consonância com a história do seu povo: um breve estudo da trajetória da Gazeta Do Povo. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, v. 1, n. 8, pp. 19-47, 2011.

SILVA, Carla Luciana Souza da. **Veja: o indispensável partido neoliberal (1989 - 2002)**. 2005. 658 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

SILVA, G. F. da. O Ensino Remoto na Educação Infantil de 0 a 3 anos: reflexões de uma História do Tempo Presente. **Em Tempo de Histórias**, [S. l.], v. 1, n. 39, 2021. DOI: 10.26512/emtempos.v1i39.39598. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/39598>. Acesso em: 4 jan. 2023.

SILVEIRA, Thiago Coelho; OLIVEIRA, Márcia Pereira de; PINHEIRO, Vicencia Rozilda Gomes. Desafios do Tempo Imediato: a educação brasileira em tempos de pandemia. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, [S.L.], v. 22, n. 4, p. 600-607, 6 dez. 2021. Editora e Distribuidora Educacional. <http://dx.doi.org/10.17921/2447-8733.2021v22n4p600-607>. Disponível em: <https://revistaensinoeducacao.pgsskroton.com.br/article/view/9362>. Acesso em: 04 jan. 2023.

SOARES, MC. **Representações, jornalismo e a esfera pública democrática** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 272 p.

SOARES, Allan Fábio da Silva. Religião e tempo presente: os moradores da chatuba em são fidéis e suas organizações religiosas em meio a pandemia. In: **ENCONTRO INTERNACIONAL HISTÓRIA & PARCERIAS**, 3., 2021, Online. Anais [...]. Rio de

Janeiro: Auh-Rj, 2021. p. 1-16. Disponível em:
https://www.historiaeparcerias.rj.auh.org/resources/anais/19/hep2021/1636167423_ARQUIVO_23127d498a3f29bd33c4e7f351c1e00f.pdf. Acesso em: 04 jan. 2023.

SOUSA JUNIOR, Manuel Alves de; SILVA, Mozart Linhares da. Necrobiopolítica, imunidade de rebanho e processos de educabilidade na gestão da pandemia da COVID-19 no Brasil. In: CANNAVÔ, Vinicius Barbosa; PINTO, Tainá Suppi; ROCHA, Cristianne Maria Famer (org.). **Nos rastros de Foucault: diálogos contemporâneos**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. Cap. 7, p. 171. Disponível em:
https://www.pimentacultural.com/_files/ugd/6f8845_764352c5251d4e028e4772dfbc151fab.pdf. Acesso em: 2 jan. 2023.

SOUZA, L. C. de; SILVA, T. O. da; PINHEIRO, A. R. da S.; SANTOS, F. da S. dos. SARS-CoV, MERS-CoV e SARS-CoV-2: uma revisão narrativa dos principais Coronavírus do século / SARS-CoV, MERS-CoV e SARS-CoV-2: a narrative review of the main Coronaviruses of the century. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 1419–1439, 2021. Disponível em:
<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/23263>. Acesso em: 9 fev. 2023.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SPEAKMAN, Burton; FUNK, Marcus. News, Nationalism, and Hegemony: the formation of consistent issue framing throughout the u.s. political right. **Mass Communication And Society**, [S.L.], v. 23, n. 5, p. 656-681, 28 maio 2020. Disponível em:
<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15205436.2020.1764973?journalCode=hmc s20>. Acesso em: 20 jan. 2023.

TANG W.; CAO Z.; HAN M.; WANG Z.; CHEN J.; SUN W. et al. Hydroxychloroquine in patients with mainly mild to moderate coronavirus disease 2019: open label, randomised controlled trial. *BMJ*. 2020; 369. doi: 10.1136/bmj.m1849

TAVARES, Camilla Quesada. Do jornalismo informativo ao de posição: a “guinada à direita” do jornal gazeta do povo. **Revista Mídia e Cotidiano**, [S.L.], v. 14, n. 3, p. 118-136, 5 set. 2020. Disponível em:
<https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/43340/26176>. Acesso em: 02 jan. 2023.

TAVARES, Camilla Quesada. **A crise do modelo tradicional do jornalismo: reconfigurações da prática profissional na redação da Gazeta do Povo**. 2018. 212 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social, 2018.

VASCONCELLOS-SILVA, Paulo; ARAUJO-JORGE, Tania. Análise de conteúdo por meio de nuvem de palavras de postagens em comunidades virtuais: novas perspectivas e resultados preliminares. In: **CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA**, 8., 2019, Lisboa. Anais... Lisboa: CIAIQ2019, 2019, v. 2, p. 41-48.

Disponível em: <<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/article/view/2002/1938>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

VERBICARO, Loiane Prado. Pandemia e o colapso do neoliberalismo. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**, [S.L.], v. 11, p. 1-9, 3 jul. 2020. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/43490/pdf_1 Acesso em: 02 jan. 2023.

VIEIRA, Márcia de Freitas; SILVA, Carlos Manuel Seco da. A Educação no contexto da pandemia de COVID-19: uma revisão sistemática de literatura. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, [S.L.], v. 28, p. 1013-1031, dez. 2020. Disponível em: <http://ojs.sector3.com.br/index.php/rbie/article/view/v28p1013>. Acesso em: 04 jan. 2023.

VIEIRA, Sabas Carlos et al. Tratamento precoce para COVID-19 baseado em evidência científica. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, [S.L.], v. 33, p. 1-11, 2020. Fundação Edson Queiroz. Disponível em: <https://revistas.unilago.edu.br/index.php/ulakes/article/view/273/267>. Acesso em: 13 jan. 2023.

FONTES PRIMÁRIAS

CONSTANTINO, Rodrigo. Bastiat e o coronavírus: liberais deveriam evitar demagogia. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 17 mar. 2020a. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/bastiat-e-o-coronavirus-liberais-deveriam-evitar-demagogia/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

CONSTANTINO, Rodrigo. Por que torcem contra a cloroquina?. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 05 abr. 2020b. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/bastiat-e-o-coronavirus-liberais-deveriam-evitar-demagogia/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

CONSTANTINO, Rodrigo. Por que médicos se recusam a admitir que tomaram hidroxicloroquina. *Gazeta do Povo*. Curitiba. 07 abr. 2020c. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/por-que-medicos-se-recusam-a-admitir-que-tomaram-hidroxicloroquina/>. Acesso em: 20 jan. 2023

CONSTANTINO, Rodrigo. Por que devemos obedecer a OMS?. *Gazeta do Povo*. Curitiba. 07 abr. 2020d. Disponível em: [gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/por-que-devemos-obedecer-a-oms/](https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/por-que-devemos-obedecer-a-oms/). Acesso em: 20 jan. 2023

DESIDERI, Leonardo. O Brasil após o 1.º caso de coronavírus: o que o país vai fazer daqui pra frente. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 26 fev. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/coronavirus-o-que-brasil-fara-apos-confirmacao-do-primeiro-caso/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

ESTADÃO. Bolsonaro fala em eficácia de tratamento com hidroxiclороquina e azitromicina. Gazeta do Povo. Curitiba, 25 mar. 2020a. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/bolsonaro-fala-em-eficacia-de-tratamento-com-hidroxiclороquina-e-azitromicina/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

ESTADÃO. Corrida por hidroxiclороquina afeta tratamento de outras doenças. Gazeta do Povo. Curitiba, 21 março, 2020b. Sempre em Família. Disponível em: <https://www.semprefamilia.com.br/saude/corrída-por-hidroxiclороquina-afeta-tratamento-de-outras-doencas/>. Acesso em: 09 fev, 2023.

GARCIA, Alexandre. Tentaram passar por cima da ordem de Bolsonaro. Mas não conseguiram. Gazeta do Povo. Curitiba, 31 jan. 2020a. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/alexandre-garcia/tentaram-passar-por-cima-da-ordem-de-bolsonaro-mas-nao-conseguiram/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

GARCIA, Alexandre. Bolsonaro compartilhou convocação de ato para 15 de março. E daí? Gazeta do Povo. Curitiba, 26 fev. 2020b. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/alexandre-garcia/bolsonaro-compartilhou-convocacao-ato-15-marco/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

GARCIA, Alexandre. Coronavírus vai arrasar nossa economia igual a greve dos caminhoneiros. Gazeta do Povo. Curitiba, 16 mar. 2020c. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/alexandre-garcia/coronavirus-desemprego-impacto-economia/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

GARCIA, Alexandre. Quantos empregos vamos perder para o coronavírus? Gazeta do Povo. Curitiba, 27 mar. 2020d. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/alexandre-garcia/coronavirus-desemprego-impacto-economia/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

GARCIA, Alexandre. Cloroquina traz esperança no combate ao coronavírus. Gazeta do Povo. Curitiba, 05 abr. 2020e. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/alexandre-garcia/cloroquina-traz-esperanca-no-combate-ao-coronavirus/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

GARCIA, Alexandre. Se você é contra Bolsonaro, não precisa ser contra a cloroquina. Gazeta do Povo. Curitiba, 07 abr. 2020f. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/alexandre-garcia/cloroquina-traz-esperanca-no-combate-ao-coronavirus/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

LACSKO, Madeleine. O Brasil inventou a torcida de remédio. Gazeta do Povo. Curitiba, 08 abr. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/madeleine-lacsko/o-brasil-inventou-a-torcida-de-remedio/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MAGNI, Stefano. Como três países contiveram o coronavírus sem acabar com a liberdade. Gazeta do Povo. Curitiba. 12 mar. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/como-taiwan-cingapura-coreia-contiveram-o-virus-sem-acabar-com-a-liberdade/?ref=busca>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MILLÉO, Amanda. Álcool em gel em falta? Medida simples mantém o coronavírus longe. Gazeta do Povo. Curitiba, 26 fev. 2020a. Disponível em: <https://www.semprefamilia.com.br/saude/coronavirus-por-que-lavar-as-maos-melhor-opcao/>. Acesso em 20 jan. 2023.

MILLÉO, Amanda. Remédio contra malária poderia atuar contra a Covid-19. Gazeta do Povo. Curitiba, 19 mar. 2020b. Disponível em: <https://www.semprefamilia.com.br/saude/remedio-contra-malaria-poderia-ser-solucao-contra-covid-19/>. Acesso em 20 jan. 2023.

MILLÉO, Amanda. Hidroxicloroquina: tudo sobre o remédio que promete tratar a Covid-19. Gazeta do Povo. Curitiba, 20 mar. 2020c. Disponível em: <https://www.semprefamilia.com.br/saude/hidroxicloroquina-tudo-sobre-o-remedio-que-promete-tratar-a-covid-19/>. Acesso em 20 jan. 2023.

NASCIMENTO, Assis José Couto do. A ciência, o coronavírus e o outro. Gazeta do Povo. Curitiba. 17 abr 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/a-ciencia-o-coronavirus-e-o-outro/>. Acesso em 20 jan. 2023.

POLZONOFF JR, Paulo. Coronavírus: desinformação, medo e força como instrumento político. Gazeta do Povo. Curitiba, 28 jan. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/coronavirus-desinformacao-medo-e-forca-como-instrumento-politico/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

RAMALHETE, Carlos. Apotropismos pós-científicos. Gazeta do Povo. Curitiba. 18 nov. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/carlos-ramalhete/camisinha-mascaras-amuletos-politica-ciencia/>. Acesso em 20 jan. 2023.

SILVEIRA, Fábio. Não se assuste: a política sempre influenciou a ciência médica. Gazeta do Povo. Curitiba, 13 abr. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/nao-se-assuste-a-politica-sempre-influenciou-a-ciencia-medica/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

SHAPIRO, Ben. O que deveríamos aprender com o coronavírus. Gazeta do Povo. Curitiba, 12 mar. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/ben-shapiro-coronavirus/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

SMITH, Marion. Por que as instituições médicas ao redor do mundo não devem confiar na China. Gazeta do Povo. Curitiba, 14 mar. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/instituicoes-medicas-confiar-china/?ref=busca>. Acesso em: 20 jan. 2023.

SOARES, OLAVO. Bolsonaro baixa o tom e chama pandemia de “maior desafio da nossa geração”. Gazeta do Povo. Curitiba, 31 mar. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/pronunciamento-bolsonaro-radio-televisao-31-de-marco/>. Acesso em: 20 jan. 2023.